

# últimos ritos

hannah kent

Tradução de Fernanda Semedo



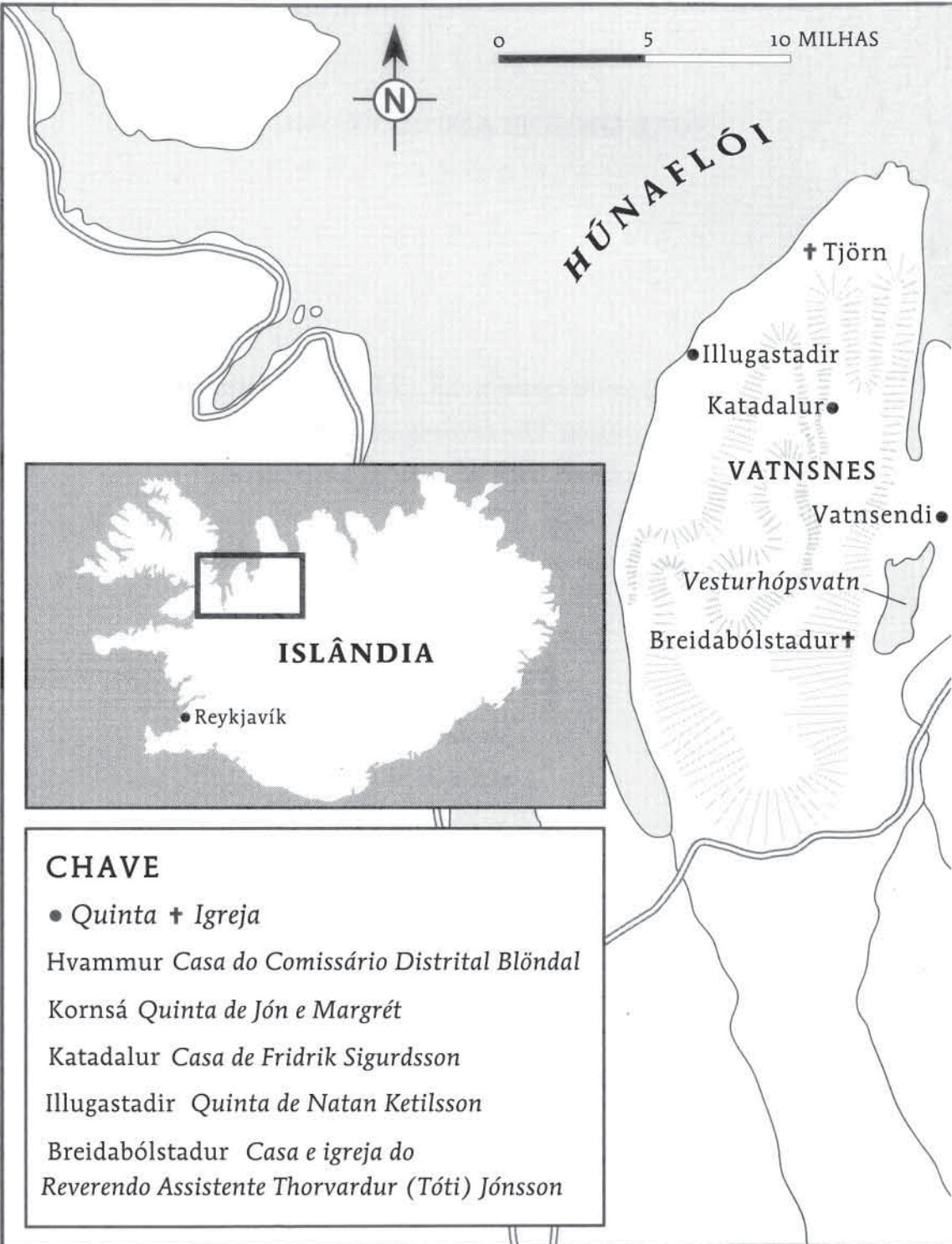
**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*Para os meus pais*



## UMA NOTA SOBRE OS NOMES ISLANDESES

Os islandeses têm usado tradicionalmente um sistema de nomeação patronímico, pelo qual o último nome de uma criança deriva do primeiro nome do pai, juntando-lhe o sufixo –són ou –dóttir. Agnus Magnúsdóttir é assim, literalmente, traduzido como Agnes, filha de Magnús. Devido a este sistema, membros de uma família islandesa podem ter sobrenomes diferentes.





Fannlaugarstadir

GÖNGUSKÖRD

DISTRITO DE  
SKAGAFJÖRDUR

Húnaþing

Geitaskard

Río Blanda

Thingeyrar

Litla-Giljá

Brekkukot

Búrfell

Hóp

THRÍSTAPAR

Stóra-Borg

Flaga

Hvammur

Gafll

Gilsstadir

Kornsó

Undirfell †

Guðrúnarstadir

Río Blanda

DISTRITO DE  
HÚNAVATN

VALE VATNSDALUR



«FUI PIOR PARA AQUELE QUE MAIS AMAVA.»  
*Saga de Laxdæla*





## PRÓLOGO

**E**les disseram que tenho de morrer. Que roubei o sopro da vida aos homens e eles agora têm de roubar o meu. Imagino, então, que somos todos chamas de velas, agitando na escuridão e no uivo do vento o nosso brilho oleoso, e na quietude do quarto ouço passos, passos horríveis que chegam, que vêm para me apagar com um sopro e afastar a minha vida de mim, numa espiral de fumo cinzento. Desvanecer-me-ei no ar e na noite. Eles apagar-nos-ão a todos, um a um, até se verem apenas à sua própria luz. Onde estarei, então?

Por vezes, parece-me rever tudo, a quinta, ardendo na escuridão. Por vezes, consigo sentir a dor do inverno nos pulmões, e penso ver as labaredas refletidas no oceano, a água tão estranha, tão trémula de luz. Nessa noite, houve um momento em que olhei para trás. Olhei para trás para ver o fogo e, se lamber a minha pele, ainda sinto o sabor do sal. Do fumo.

Nem sempre estive tanto frio.

Ouço passos.



## CAPÍTULO UM

### **Anúncio Público**

Realizar-se-á a 24 de março de 1828, em Illugastadir, um leilão dos bens deixados pelo agricultor Natan Ketilsson, que consistem em: uma vaca, alguns cavalos, uma quantidade considerável de carneiros, feno e mobília, uma sela, um freio e muitos pratos e travessas. Tudo isto será vendido caso seja apresentada uma oferta decente. Todos os bens serão adjudicados ao melhor licitante. Se não for possível realizar o leilão devido ao mau tempo, este será cancelado e realizado no dia seguinte, se o tempo o permitir.

COMISSÁRIO DISTRITAL  
**Björn Blöndal**

20 de março de 1828

Ao Mui Reverendo Jóhann Tómasson,

*Agradecido pela sua preciosa carta de dia 14, na qual expressava o desejo de ser informado sobre como foi tratado o enterro de Pétur Jónsson, de Geitaskard, que consta ter sido assassinado e queimado na noite de 13 para 14 deste mês, com Natan Ketilsson. Como o meu Reverendo não desconhece, houve alguma discussão sobre se os seus ossos deviam ser enterrados em terreno consagrado. A sua condenação e pena por roubo, furto e recetação de objetos roubados deveria seguir-se à acusação pelo Supremo Tribunal. Contudo, não recebemos qualquer carta da Dinamarca. O juiz do Tribunal Nacional condenou Pétur a 5 de fevereiro do ano passado, sentenciando-o a quatro anos de trabalhos forçados na prisão de Rasphus, em Copenhaga, mas, no momento em que foi morto, encontrava-se em liberdade. Assim sendo, em resposta à sua pergunta, os seus ossos foram enterrados com ritos cristãos, tal como os de Natan, pois que ainda não podia ser considerado como pertencendo aos que se encontram à margem dos caminhos cristãos. Essas pessoas são expressamente definidas na carta de Sua Majestade, o Rei, de 30 de dezembro de 1740, que enumera todos aqueles a quem não são permitidos ritos de enterramento cristãos.*

COMISSÁRIO DISTRITAL

**Björn Blöndal**

30 de maio de 1829

Rev. T. Jónsson  
Breidabólstadir, Vesturhóp

Ao Reverendo Assistente Thorvardur Jónsson

*Desejo que esta carta o encontre bem e prosperando na administração da obra do Senhor em Vesturhóp. Em primeiro lugar, desejo congratulá-lo, pese embora com atraso, pela conclusão bem-sucedida dos seus estudos no Sul da Islândia. Os seus paroquianos afirmam que é um jovem diligente, e aprovo a sua decisão de partir para norte e começar a sua capelania sob a supervisão de seu pai. Alegra-me bastante saber que aí permanecem homens íntegros, desejosos de cumprir os seus deveres para com os homens e Deus. Em segundo lugar, na minha capacidade de Comissário Distrital, escrevo para lhe requisitar um serviço. Como saberá, a nossa comunidade foi recentemente obscurecida pela sombra do crime. Os assassinatos de Illugastadir, cometidos no ano passado, simbolizaram, pela sua hediondez, a corrupção e impiedade deste condado. Como Comissário Distrital de Húnavatn, não posso tolerar a rebeldia social e, após autorização prévia do Supremo Tribunal de Copenhaga, tenciono executar os assassinos de Illugastadir. É com este acontecimento em mente que requiro o seu auxílio, Reverendo Assistente Thorvardur. Conforme se lembrará, relatei os assassinatos numa carta que circulou pelo clero há quase dez meses, com ordens para que fossem proferidos sermões de admoestação. Permita-me repetir o que ocorreu, desta vez para lhe fornecer uma consideração mais refletida do crime.*

No ano passado, na noite de 13 para 14 de março, três pessoas cometeram um ato cruel e repugnante contra dois homens, que talvez lhe sejam familiares: Natan Ketilsson e Pétur Jónsson. Ambos foram encontrados nas ruínas do incêndio na quinta de Natan, Illugastadir, e um exame mais atento dos seus corpos revelou ferimentos de natureza deliberadamente infligida. Esta descoberta conduziu a uma investigação e daí seguiu-se um julgamento. No dia 2 de julho do ano passado, as três pessoas acusadas destes homicídios — um homem e duas mulheres — foram consideradas culpadas pelo Tribunal Distrital, presidido por mim, e condenadas a decapitação: «Aquele que ferir mortalmente um homem, será morto». As sentenças de morte foram confirmadas a 27 de outubro no Tribunal Nacional, reunido em Reykjavík. O caso está atualmente em julgamento no Supremo Tribunal de Copenhaga e é provável que a minha decisão original seja também aí confirmada. O nome do homem condenado é Fridrik Sigurdsson, filho do agricultor de Katadalur. As mulheres são duas criadas, Sigrídur Gudmundsdóttir e Agnes Magnúsdóttir. Estes condenados encontram-se atualmente sob custódia aqui, no Norte, e assim permanecerão até ao dia da sua execução. Fridrik Sigurdsson foi levado para Thingeyrar pelo Reverendo Jóhann Tómasson, e Sigrudur Gudmundsdóttir foi retirada para Midhóp. Agnes Magnúsdóttir devia ser mantida até à sua execução em Stóra-Borg mas, por razões que não tenho liberdade para revelar, será transferida para uma outra propriedade, em Kornsó, no vale de Vatnsdalur, no próximo mês. Ela está descontente com o seu administrador espiritual atual, e recorreu a um dos poucos direitos que lhe restam para solicitar outro pastor. Solicitou-o a si, Reverendo Assistente Thorvardur. É com algumas dúvidas que vos abordo relativamente a tal missão. Tenho consciência de que as suas responsabilidades até ao momento se confinaram à educação espiritual dos membros mais jovens da sua paróquia, o que é de indubitável valor mas de pouca importância política. O senhor poderá também admitir que é demasiado inexperiente para

*saber como conduzir esta mulher condenada ao Senhor e à Sua infinita misericórdia, caso em que não obstarei à sua recusa. É um peso que hesitaria em colocar nos ombros de um clérigo, ainda que mais experiente.*

*Caso aceite, porém, a responsabilidade de preparar Agnes Magnúsdóttir para o seu encontro com o Senhor, será obrigado a visitar com regularidade Kornsó, sempre que o tempo o permita. Deve ministrar-lhe a palavra de Deus e inspirar-lhe arrependimento e um reconhecimento da Justiça. Por favor, não permita que a lisonja influencie a sua decisão, assim como qualquer afinidade que possa existir entre o senhor e a condenada. Em todas as coisas, Reverendo, em que não se sentir capaz de construir o seu próprio conselho, deve procurar o meu.*

*Aguardo a sua resposta, que deve entregar ao meu mensageiro.*

COMISSÁRIO DISTRITAL

***Björn Blöndal***



O reverendo assistente Thorvardur Jónsson encontrava-se no interior da pequena propriedade adjacente à igreja de Breidabólstadir, reparando a lareira com pedras novas, quando ouviu o pai pigarrear na soleira da porta.

— Está lá fora um mensageiro de Hvammur, Tóti. Perguntou por ti.

— Por mim? — Com a surpresa, deixou uma pedra resvalar-lhe da mão. Esta caiu no chão de terra seca, quase em cima do seu pé. O reverendo Jón, aborrecido, estalou a língua, baixou a cabeça sob a moldura da porta e, delicadamente, afastou Tóti do caminho.

— Sim, por ti. Está à espera.

O mensageiro era um criado, vestindo um casaco gasto. Olhou longamente para Tóti antes de falar.

— Reverendo Thorvardur Jónsson?

— Eu mesmo. Cumprimentos. Bem, sou um reverendo assistente.

O criado encolheu os ombros.

— Trago-lhe uma carta do comissário distrital, o Honorável Björn Blöndal. — Retirou um pedaço de papel do interior do casaco e deu-o a Tóti. — Tenho ordens para aguardar enquanto o lê.

A carta estava quente e húmida, por ter viajado dentro da roupa do criado. Tóti quebrou o lacre e, notando que fora escrita naquele mesmo dia, sentou-se no cepo junto da porta e começou a ler.

Quando terminou a carta de Blöndal, ergueu o olhar e deu com o criado a fitá-lo.

— Então? — incentivou este com o sobrolho erguido.

— Perdão?

— Qual é a sua resposta para o comissário distrital? Não tenho o dia todo.

— Posso falar com o meu pai?

O criado suspirou.

— Está bem, que seja.

Encontrou o pai no *badstofa*, alisando lentamente os cobertores em cima da sua cama.

— Sim?

— É do comissário distrital. — Tóti estendeu ao pai a carta desdobrada e aguardou que ele a lesse, sem saber bem o que fazer.

O rosto do pai estava impassível quando dobrou a carta e lha devolveu. Não disse palavra.

— Que devo responder? — perguntou Tóti finalmente.

— Tu é que sabes.

— Não a conheço.

— Pois não.

— Ela não é da nossa paróquia?

— Não.

— Porque me escolheu? Sou apenas um reverendo assistente.

O pai voltou a concentrar-se na cama.

— Talvez devas perguntar-lhe a ela.

O criado estava sentado no toro, limpando as unhas com uma faca.

— Muito bem, então. Que resposta devo levar ao comissário distrital, da parte do reverendo *assistente*?

Tóti respondeu antes de saber qual era a sua decisão.

— Diz a Blöndal que irei encontrar-me com Agnes Magnúsdóttir.

O criado arregalou os olhos.

— Então é por causa *disso*?

— Serei o seu conselheiro espiritual.

O criado fitou-o, boquiaberto. Subitamente, riu-se.

— Santo Deus — murmurou. — Escolhem um rato para domesticar um gato. — Sem mais, montou o cavalo e desapareceu por trás das colinas, deixando Tóti espedado, segurando a carta a uma certa distância do corpo, como se esta estivesse prestes a incendiar-se.

**S**teina Jónsdóttir amontoava estrume no pátio da pequena casa de turfa da sua família quando ouviu o retumbar rápido de cascos de cavalo. Esfregando a lama das saias, endireitou-se e espreitou em torno de um dos lados da pocilga para ver melhor o cavaleiro que atravessava o vale. Um homem com um casaco vermelho-vivo aproximava-se. Ela viu-o virar na direção da quinta e, lutando contra um impulso de pânico ao perceber que teria de o cumprimentar, recuou para trás da

casa, onde cuspiu rapidamente nas mãos para as lavar e limpou o nariz à manga. Quando voltou ao pátio, o cavaleiro aguardava.

— Olá, minha jovem. — O homem baixou o olhar para Steina e para as suas saias sujas com uma expressão divertida. — Vejo que interrompi as tuas tarefas. — Steina observou-o a desmontar, balançando graciosamente a perna por cima do cavalo. Para um homem tão grande, aterrou gentilmente sobre os pés. — Sabes quem sou? — Olhou para ela, esperando obter algum reconhecimento.

Steina abanou a cabeça.

— Sou o comissário distrital, Björn Audunsson Blöndal. — Fez-lhe um ligeiro aceno de cabeça e ajeitou o casaco que, reparou Steina, estava debruado a botões de prata.

— É de Hvammur — murmurou ela.

Blöndal sorriu pacientemente.

— Sim. Sou o supervisor do teu pai. Vim para lhe falar.

— Não está em casa.

Blöndal franziu o sobrolho.

— E a tua mãe?

— Foram visitar umas pessoas no Sul do vale.

— Percebo. — Blöndal olhou fixamente para a jovem, que se retorceu e baixou os olhos nervosamente para os campos. Uma porção de sardas no nariz e na testa interrompiam a pele clara. Tinha olhos castanhos e afastados e um grande espaço entre os dentes da frente. Havia nela algo de verdadeiramente deselegante, concluiu Blöndal. Notou os grossos crescentes de sujidade sob as suas unhas.

— Terá de voltar mais tarde — sugeriu finalmente Steina.

Blöndal ficou tenso.

— Posso, ao menos, entrar?

— Oh... se quiser. Pode amarrar ali o cavalo. — Steina mordeu o lábio enquanto Blöndal enrolava as rédeas em torno de um poste, depois virou-se e quase correu para dentro.

Blöndal seguiu-a, curvando-se para passar na entrada baixa da casa.

— O teu pai regressa hoje?

— Não — foi a resposta seca.

— Que inconveniente — lamentou-se Blöndal, tropeçando pelo corredor estreito enquanto Steina o conduzia ao *badstofa*. Tornara-se mais corpulento desde que assumira o cargo de comissário distrital e

acostumara-se ao alojamento mais espaçoso que lhe tinham fornecido para a família, em Hvammur, construído em madeira importada. Os cabres dos camponeses e agricultores tinham começado a repugnar-lhe, com as suas divisões atravancadas, feitas em turfa, que no verão provocava nuvens de poeira e lhe irritava os pulmões.

— Comissário...

— Comissário distrital.

— Peço desculpa, comissário distrital. A Mamma e o Pabbi, quero dizer, a Margrét e o Jón, regressam amanhã. Ou no dia seguinte; depende do tempo. — Steina apontou o canto mais próximo do quarto estreito, onde uma cortina de lã cinzenta servia de divisória entre o *badstofa* e uma salinha minúscula. — Sente-se ali — pediu ela. — Vou procurar a minha irmã.

Lauga Jónsdóttir, irmã mais nova de Steina, arrancava as ervas daninhas no exíguo talhão dos legumes, a pouca distância de casa. Debruçada e entretida com a tarefa, não vira chegar o comissário, mas ouviu a irmã chamar muito antes de a poder ver.

— Lauga! Onde estás? Lauga!

Lauga pôs-se de pé e limpou as mãos sujas ao avental. Não respondeu à irmã, aguardando pacientemente até Steina, correndo e tropeçando nas saias compridas, a avistar.

— Procurei-te por todo o lado! — gritou Steina, sem fôlego.

— Que diabo se passa contigo?

— Está aqui o comissário!

— Quem?

— Blöndal!

Lauga fitou a irmã.

— O comissário distrital Björn Blöndal? Limpa o nariz, Steina, estás ranhosa.

— Está sentado na sala.

— Onde?

— Tu sabes. Atrás da cortina.

— Deixaste-o lá *sozinho*? — Lauga arregalou os olhos.

Steina fez uma careta.

— Por favor, vai para dentro e fala com ele.

Lauga fulminou a irmã com o olhar, depois desapertou rapidamente o avental sujo e atirou-o para junto das ligísticas.

— Às vezes não percebo o que tens na cabeça, Steina — murmurou enquanto se dirigiam rapidamente a casa. — Deixar um homem como o Blöndal à espera no nosso *badstofa*.

— Na sala.

— Que diferença faz? Ao menos, serviste-lhe o soro de leite dos criados para beber.

Steina voltou-se para a irmã com o pânico estampado no rosto.

— Não lhe servi nada.

— Steina! — Lauga desatou a correr. — Vai pensar que somos camponeses!

Steina viu a irmã abrir caminho entre o matagal.

— Nós *somos* camponeses — murmurou.

Lauga lavou rapidamente o rosto e as mãos e apropriou-se do avental lavado de Kristín, a criada da família, que se escondera na cozinha ao ouvir uma voz estranha. Encontrou o comissário distrital sentado à pequena mesa de madeira da sala, lendo um pedaço de papel. Exprimindo as suas desculpas pela descortês recepção da irmã, ofereceu-lhe uma travessa de borrego estufado, frio, que ele aceitou com alegria, apesar da expressão um pouco injuriada. Manteve-se em silêncio enquanto o homem comia, observando os seus lábios carnudos a envolver a carne. Talvez o seu Pabbi estivesse para ser promovido de xerife a um posto ainda mais importante. Talvez recebesse um uniforme, ou um salário da Coroa dinamarquesa. Haveria vestidos novos. Uma casa nova. Mais criados.

Blöndal raspou a travessa com a faca.

— Gostaria de um pouco de *skyr* com natas, comissário distrital? — perguntou ela, recolhendo o prato vazio.

Blöndal abanou as mãos diante do peito, como que para recusar, mas mudou de ideias.

— Bem, pode ser. Obrigado.

Lauga corou e virou-se para ir buscar o queijo mole.

— E não recusaria um café — acrescentou em voz mais alta, enquanto ela rodeava a cortina.

— Que quer ele? — perguntou Steina, aninhada junto do lume da cozinha. — Só te ouço a ti, a marchar para trás e para diante no corredor.

Lauga entregou-lhe o prato sujo.

— Ainda não disse nada. Quer *skyr* e café.

Steina trocou um olhar com Kristín, que revirou os olhos.

— Não temos café — disse baixinho.

— Temos sim. Vi um pouco na despensa, a semana passada.

Steina hesitou.

— Eu... eu bebi-o.

— Steina! O café não é para nós! Guardamo-lo para ocasiões especiais!

— Que ocasiões? O comissário nunca nos visita.

— O comissário *distrital*, Steina.

— Os criados não devem tardar de Reykjavík. Depois teremos mais.

— Isso é depois. E agora, que fazemos? — Exasperada, Lauga empurrou Kristín na direção da despensa. — *Skyr* e natas, depressa.

— Eu queria provar — justificou-se Steina.

— Agora é tarde. Leva-lhe um pouco de leite fresco, em vez do café. Leva-lhe tudo quando estiver pronto. Pensando bem, é melhor não. Deixa que a Kristín leve. Tu parece que andaste a rebolar no estrume com os cavalos. — Lauga lançou um olhar cáustico ao esterco nas roupas de Steina e voltou a descer o corredor.

Blöndal esperava-a.

— Minha jovem. Suponho que te perguntas o que me leva a visitar a tua família.

— Chamo-me Sigurlaug. Ou Lauga, se preferir.

— Muito bem. Sigurlaug.

— Tem a ver com o trabalho do meu pai? Ele está...

— No Sul, eu sei. A tua irmã disse-me e... olha, aí está ela.

Lauga virou-se e viu Steina emergir de um dos lados da cortina, trazendo o queijo mole, natas e bagas numa mão suja, e o leite na outra. Lauga deitou à irmã um olhar irritado quando Steina, sem querer, arrastou a ponta da cortina em cima do *skyr*. Felizmente o comissário distrital pareceu não reparar.

— Senhor — murmurou Steina. Pousou a tigela e a chávena na mesa em frente dele, depois fez-lhe uma vénia desastrada. — Bom proveito.

— Obrigado — respondeu Blöndal. Cheirou apreciativamente o *skyr*, depois ergueu o olhar para as duas irmãs, com um sorriso ténue. — Qual é a mais velha?

Lauga deu uma pequena cotovelada a Steina para a incentivar, mas

esta manteve-se calada, olhando boquiaberta para o vermelho-vivo do casaco do homem.

— Eu sou a mais nova, comissário distrital — acabou Lauga por dizer, sorrindo para exibir as covinhas do rosto. — Tenho menos um ano. A Steinvör faz vinte e um este mês.

— Toda a gente me chama Steina.

— São ambas muito bonitas — elogiou Blöndal.

— Obrigada, senhor. — Lauga deu outra cotovelada à irmã.

— Obrigada — murmurou esta.

— Ambas têm o cabelo louro do vosso pai, se bem que tu tenhas os olhos azuis da vossa mãe — disse, apontando Lauga. Empurrou a tigela intocada na direção dela e pegou no leite. Cheirou-o e voltou a pousá-lo na mesa.

— Por favor, senhor, coma — disse Lauga, empurrando a tigela.

— Obrigado, mas, de repente, sinto-me cheio. — Blöndal procurou na algibeira do casaco. — Bem, preferia discutir o assunto com o chefe de família, mas como o xerife Jón não se encontra e isto não pode esperar até ao seu regresso, vejo que tenho de informar as suas filhas. — Desdobrou a sua folha de papel em cima da mesa para que elas lessem.

— Acredito que tenham conhecimento do que aconteceu no ano passado em Illugastadir? — perguntou.

Steina estremeceu.

— Refere-se aos assassinatos?

Lauga acenou com a cabeça, com os olhos azuis muito abertos, numa súbita solenidade.

— O julgamento realizou-se em sua casa.

Blöndal inclinou a cabeça.

— Sim. Os homicídios de Natan Ketilsson, o ervanário, e de Pétur Jónsson. Como esta infelicíssima e lamentável tragédia ocorreu no Distrito de Húnavatn, foi responsabilidade minha trabalhar com o magistrado e o Tribunal Nacional em Reykjavík para decidir o que fazer com os acusados.

Lauga pegou no papel e aproximou-se da janela, para o ler à luz.

— Quer dizer que está tudo acabado.

— Pelo contrário. Os três acusados foram em outubro passado considerados culpados, tanto de homicídio quanto de fogo-posto, pelo tribunal deste país. O caso seguiu agora para o Supremo de Copenhaga,

na Dinamarca. O rei... — Blöndal deteve-se, para criar efeito — ... o próprio rei deve tomar conhecimento do crime e concordar com a *minha* sentença original de execução. Como podes ler, cada um deles foi condenado à pena capital. É uma vitória para a justiça, como estou certo de que concordarás.

Lauga acenou distraidamente com a cabeça, continuando a ler.

— Não serão enviados para a Dinamarca?

Blöndal sorriu e recostou-se na cadeira, erguendo os tacões das botas.

— Não.

Lauga ergueu o olhar para ele, perplexa.

— Nesse caso, senhor, desculpe a minha ignorância, mas onde é que eles serão... — A voz tornou-se-lhe muito débil.

Blöndal arrastou a cadeira para trás e levantou-se para se lhe juntar à janela, ignorando Steina. Espreitou através da bexiga de carneiro seca que ali fora atravessada para servir de vidro, notando uma pequena veia torcida na sua superfície opaca. Encolheu os ombros. Em sua casa, as janelas eram de vidro.

— Serão executados aqui — anunciou finalmente. — Na Islândia. No Norte da Islândia, para ser mais exato. Eu e o magistrado que presidiu em Reykjavík decidimos que seria... — Hesitou, procurando as palavras. — Mais económico.

— Sério?

Blöndal franziu o sobrolho para Steina, que o fitava com desconfiança. Esta aproximou-se de Lauga e tirou-lhe o papel das mãos.

— Sim, embora eu não negue que a execução também oferece uma oportunidade para a nossa comunidade testemunhar as consequências dos delitos maiores. É preciso tratar estas coisas com cuidado. Como sabes, inteligente Sigurlaug, os criminosos desta envergadura são em geral punidos no estrangeiro, onde existem cárceres, e essas coisas. Como foi decidido que os três serão executados na Islândia, no mesmo distrito em que cometeram o crime, necessitamos de uma espécie de alojamento de custódia até que a data e o local da execução tenham sido decididos.

»Como sabes, não temos em Húnavatn fábricas, nem estalagens que possamos usar para acomodar os prisioneiros. — Blöndal voltou a sentar-se na cadeira. — Por isso, decidi que devem ser alojados em quintas, lares de cristãos retos que, com o seu bom exemplo, lhes inspirem arre-



pendimento, e que possam tirar proveito do seu trabalho enquanto eles aguardam o veredito.

Blöndal debruçou-se por cima da mesa, na direção de Steina, que o fitava com uma mão tapando a boca e a outra segurando a carta.

— Islandeses — prosseguiu — capazes de cumprir os seus deveres como oficiais do governo, provendo-lhes essa acomodação.

Lauga fitou-o com perplexidade.

— Não podem ser alojados em propriedades em Reykjavík? — sus-surrou.

— Não. Isso implica custos. — Agitou uma mão no ar.

Steina semicerrou os olhos.

— Vai pô-los *aqui*? Conosco? Só porque o tribunal de Reykjavík não quer pagar os custos de os mandar para o estrangeiro?

— Steina — avisou Lauga.

— A vossa família será recompensada — informou Blöndal, franzindo o sobrolho.

— E que devemos fazer? Acorrentá-los aos postes das camas?

Blöndal levantou-se, pesada e vagarosamente.

— Não tenho escolha. — A sua voz tornara-se, de repente, baixa e perigosa. — O título do vosso pai acarreta responsabilidades. Estou certo de que não me questionará. Kornsó tem muito poucas mãos para trabalhar, e existe a questão da condição financeira da vossa família. — Aproximou-se de Steina, baixando o olhar para o seu rosto pequeno e sujo, sob a luz mortiça. — Além disso, Steinvör, não carregarei a tua família com os três condenados. Será apenas uma das mulheres. — Colocou-lhe uma mão pesada sobre o ombro, ignorando a forma como ela se encolheu. — Não me vais dizer que tens medo de alguém do teu próprio sexo, pois não?

Depois de Blöndal se retirar, Steina voltou à sala e recolheu a tigela de *skyr* em que ele não tocara. As natas tinham congelado no bordo. Abanou a cabeça com frustração e raiva, e premiu a tigela com força contra a mesa, mordendo o lábio. Gritou em silêncio, desejando que a tigela se partisse, até o ímpeto de raiva acalmar. Depois voltou para a cozinha.

**E**m certos momentos, pergunto-me se não estarei já morta. Isto não é vida. Aguardar nas trevas, em silêncio, num quarto tão sórdido que esqueci o aroma do ar fresco. O bacio está tão cheio dos

meus dejetos que ameaça transbordar se não vier alguém rapidamente despejá-lo.

Quando foi a última vez que vieram? Agora é tudo uma longa noite.

No inverno era melhor. No inverno, a gente de Stóra-Borg era tão prisioneira quanto eu; partilhávamos o *badstofa* quando a neve atormentava a casa. Havia candeias para as horas de vigília e, quando o óleo acabava, velas que afugentavam a escuridão. Chegada a primavera, mudaram-me para a arrecadação. Deixaram-me sozinha, sem qualquer luz, e não tenho maneira de contar as horas, de distinguir o dia da noite. Agora apenas tenho por companhia as algemas nos meus pulsos, o chão imundo, um tear desmantelado e, abandonado a um canto, um fuso partido.

Se calhar, já é verão. Ouço os passos dos criados a percorrer o corredor, o ranger de uma porta quando andam para cá e para lá. Por vezes escuto o riso estridente das criadas que tagarelam lá fora e sei que o tempo amainou, que o vento perdeu a ferocidade. Fecho os olhos e imagino o vale nos longos dias de verão, o sol aquecendo os ossos da terra até os cisnes acudirem ao lago, e as nuvens a levantarem-se para revelar a altura do céu: de um azul tão, tão brilhante, que dá vontade de chorar.

**T**rês dias depois da visita de Björn Blöndal às filhas de Kornsó, o pai, o xerife de Vatnsdalur, Jón Jónsson, e a mulher, Margrét, iniciaram o caminho de regresso a casa.

Jón, um homem delgado, ligeiramente encurvado, de cinquenta e cinco primaveras, de cabelo louro quase branco e orelhas grandes que lhe davam um ar atolado, caminhava diante do cavalo, conduzindo-o pela arreata e palmilhando o terreno irregular com uma facilidade dada pela prática. A mulher, montada na égua preta, estava fatigada da viagem, se bem que não o admitisse. Sentada, empinava ligeiramente o queixo e a cabeça sustentados por um pescoço magro e trémulo. Com os seus olhos de pálpebras pesadas, olhava para as pequenas quintas do vale de Vatnsdalur por onde iam passando, fechando-os apenas quando sofria um ataque de tosse. Quando estes passavam, debruçava-se sobre o cavalo para cuspir, depois limpava a boca com uma ponta do xaile, murmurando uma oração breve. Ocasionalmente, nessas alturas, o ma-

rido inclinava a cabeça para ela, como se o preocupasse vagamente que a mulher caísse do cavalo, mas, à parte isso, nada perturbava a viagem.

Margrét, tendo ficado exausta após outro ataque de tosse angustiante, cuspiu para a relva e premiu as palmas das mãos no peito até estabilizar a respiração. Quando falou, foi com voz rouca.

— Sabes, Jón, o pessoal de Ás tem outra vaca.

— Hum? — O marido perdera-se em pensamentos.

— Dizia eu — repetiu Margrét, pigarreando — que o pessoal de Ás tem outra vaca.

— Ah, sim?

— Admira-me que não tenhas tu próprio reparado.

— Certo.

Margrét pestanejou sob a luz empoeirada e distinguiu, à distância, a forma vaga da quinta de Kornsó.

— Estamos a chegar a casa.

O marido resmungou em concordância.

— Faz-te pensar, não faz, Jón? Dava-nos jeito mais uma vaca.

— Dava-nos jeito muita coisa.

— Mas outra vaca seria bom. Teríamos mais manteiga. Poderíamos pagar mais um par de mãos para a colheita.

— A seu tempo, Margrét, meu amor.

— A seu tempo, estarei morta.

As palavras saíram-lhe mais amargas do que pretendia. Jón não respondeu, apenas murmurou para o cavalo, incentivando-o a prosseguir, e Margrét franziu o sobrolho para a parte de trás do seu chapéu de montar, desejando que ele se virasse. Quando o marido continuou a avançar, respirou fundo e espreitou novamente Kornsó.

Era o fim da tarde e a luz dissipava-se sobre os campos de feno, soltando-se do céu através das nuvens baixas que se acumulavam a leste. Extensões de neve antiga na crista da montanha tinham uma aparência monótona e cinzenta mas, quando as nuvens se moviam, eram de um branco deslumbrante. As aves de verão voavam velozmente através dos campos de feno, apanhando os insetos que zumbiam por cima delas, e ouviam-se os balidos lamurientos dos carneiros, guiados por rapazinhos através do vale, em direção às quintas.

Em Kornsó, Lauga e Steina saíam de casa para ir buscar água ao regato

da montanha, Lauga esfregando os olhos por causa da luz do Sol e Steina balançando distraidamente o balde ao lado do corpo, ao ritmo dos seus passos. Não falavam.

As duas irmãs tinham trabalhado os últimos dias em completo silêncio, dirigindo-se uma à outra apenas para pedir a pá, ou perguntar que barril de bacalhau salgado devia ser aberto primeiro. O silêncio, que se seguira a uma discussão depois da visita do comissário distrital, misturara-se com raiva e ansiedade. O esforço de falarem o mínimo possível uma com a outra deixara ambas exaustas. Lauga, frustrada pela teimosia e falta de jeito da irmã mais velha, não podia parar de pensar no que diriam os pais acerca da visita de Blöndal. A reação descortês de Steina às notícias transmitidas por Blöndal podia afetar a sua posição social. Björn Blöndal era um homem poderoso e, certamente, não lhe agradava ser desafiado por uma fedelha. Steina não percebia o quanto a sua família dependia de Blöndal? Não percebia que estariam apenas a cumprir um dever?

Steina procurava não pensar nos homicídios. O crime, por si só, fazia-a sentir-se doente, e recordar a maneira insensível como o comissário lhes impusera a criminosa entumecia-lhe a garganta de fúria. Lauga era a mais nova, não era ela que lhe diria o que devia ou não fazer. Como poderia conhecer as minúcias das gentilezas sociais que se prestam a homens gordos com casacos vermelhos? Não, o melhor era não pensar em nada disso.

Steina deixou que o peso do balde lhe descaísse o ombro e bocejou longamente. A seu lado, Lauga não pôde evitar bocejar também e, por um momento breve, os seus olhares encontraram-se e ambas tiveram consciência da fadiga partilhada, até que a brusca sugestão de Lauga para que tapasse a boca fez Steina fitá-la ameaçadoramente e, em seguida, fixar os olhos no chão.

Os suaves feixes da luz da tarde aqueciam-lhes os rostos no caminho para o regato. Não fazia vento e o vale estava tão sereno que as duas mulheres abrandaram o passo, para acompanharem o ritmo pausado do ar. Aproximavam-se do afloramento rochoso que rodeava o regato quando Lauga, virando-se para libertar a saia do espinho de um arbusto, avistou um cavalo à distância.

— Oh! — gritou.

Steina virou-se.

— Que foi agora?

Lauga acenou na direção do cavalo.

— É a Mamma e o Pabbi — disse sem fôlego. — Voltaram. — Semicerrou os olhos através da névoa brilhante que cobria os campos. — Sim, são eles — confirmou, como se falasse sozinha. Subitamente agitada, Lauga entregou o balde à irmã, indicando-lhe com um gesto que prosseguisse para o regato. — Enche os dois. Consegues, não é verdade? É melhor que eu... que eu vá. Para acender o lume. — Empurrou o ombro de Steina com mais força do que pretendia e voltou para trás.

As sarças ao longo do caminho agarravam-se-lhe às meias enquanto ela se apressava para casa, sentindo um alívio intenso. Agora, o Pabbi podia tratar do assunto do comissário distrital e de Agnes Magnúsdóttir.

Abriu a porta, percorreu o corredor e virou à esquerda, para entrar na cozinha. Na ausência da patroa, Kristín tirara o dia para visitar a família, mas a lareira ainda fumegava do lume da manhã. Lauga acrescentou-lhe estrume seco, com tanta pressa que quase sufocou as chamas. Como reagiria o pai às novidades da visita do comissário distrital? Quanto tempo permaneceria a prisioneira em Kornsó? Nem sequer tinha a carta que ele trouxera, pois Steina atirara-a ao lume durante a briga.

Ainda assim, pensou Lauga, pendurando uma caçarola no gancho por cima das chamas, quando o Pabbi soubesse, ele encarregar-se-ia do assunto.

Avivou o lume com um pouco de ar dos foles e voltou a correr para espreitar pela porta. Outro arrepio de pânico percorreu-lhe a espinha. Que *faria* ele? Voltou para dentro e foi à despensa buscar o que fosse possível para fazer um caldo. Restava apenas um pouco de cevada. Continuavam à espera que os criados voltassem dos mercados do Sul.

Lauga saiu de casa, quase tropeçando num ressalto, e foi à arrecadação procurar um pouco de carne de carneiro para o caldo. Não valia a pena cortar carneiro fumado naquela altura do ano, mas tinham sobrado uma ou duas rodelas de chouriço de sangue do inverno, muito amargas mas boas.

Comeremos juntos no *badstofa*. Então contar-lhes-ei tudo, decidiu Lauga. Ouviu os sons dos cascos dos cavalos na terra do pátio.

— *Komið þið sæll!* — Lauga saiu de casa, limpando os restos de estrume das mãos e penteando rapidamente o cabelo para trás, debaixo da touca. — Que bom ver-vos regressar sem problemas.

Jón, o pai, deteve o cavalo e dirigiu-lhe um sorriso por baixo do chapéu de montar. Levantou a mão nua num cumprimento e avançou para lhe dar um beijo rápido e formal.

— Pequena Lauga. Como passaste? — Começou a desamarrar alguns pacotes presos ao dorso do cavalo.

— Olá, Mamma.

Margrét baixou a cabeça para Lauga e dirigiu-lhe um olhar caloroso, embora os seus lábios mal se movessem.

— Olá, Sigurlaug.

— Tens bom ar.

— Ainda estou viva — replicou a mãe.

— Estás cansada?

Margrét ignorou a pergunta e deslizou desastradamente para o chão. Lauga abraçou a mãe timidamente, depois acariciou o focinho da égua, sentindo as suas narinas estremecerem e a respiração quente e húmida nas suas palmas.

— Onde está a tua irmã?

Lauga olhou para a plataforma rochosa onde ficava o regato, mas não detetou qualquer movimento.

— Foi buscar água para o jantar.

Margrét ergueu as sobranceiras.

— Julguei que estaria aqui para nos dar as boas-vindas.

Lauga virou-se novamente para o pai, que retirava os pequenos pacotes da sela e os colocava no chão.

— Pabbi, há uma coisa que tenho de te dizer.

Ele começou a desatar a corda apertada em torno da égua.

— Uma morte?

— Quê?

— Perdemos algum animal?

— Oh. Não, não é nada disso — respondeu Lauga, acrescentando: — Graças a Deus. — Aproximou-se mais do pai. — Talvez precise de te dizer isto sozinho — acrescentou em voz baixa, mas a mãe ouviu-a.

— O que tens para dizer, pode ser dito a ambos, Lauga.

— Não quero preocupar-te, Mamma.

— Oh, estou preocupada muitas vezes — replicou Margrét, subitamente sorridente. — É o resultado de ter filhas e criados para cuidar. — Em seguida, avisando o marido para não colocar os pacotes restan-

tes dentro dos charcos, Margrét pegou em alguns e levou-os para dentro. Lauga seguiu-a.

Jón entrara no *badstofa* e sentara-se ao lado da mulher no momento em que Lauga trouxe as tigelas de caldo.

— Pensei que uma refeição quente seria reconfortante — disse.

Jón ergueu o olhar para Lauga, que estava de pé em frente dele, segurando o tabuleiro.

— Posso mudar de roupa primeiro?

Lauga hesitou e, pousando o tabuleiro na cama ao lado da mãe, ajoelhou-se e começou a desatar os sapatos de Jón.

— Há uma coisa que tenho de vos dizer.

— Onde está a Kristín? — perguntou Margrét asperamente, enquanto Jón se recostava, apoiado nos cotovelos, e deixava a filha descalçar-lhe a meia húmida.

— Steina deu-lhe metade do dia de folga — respondeu Lauga.

— E onde está Steina?

— Oh, não sei. Algures por aí. — Lauga sentiu o estômago retorcer-se-lhe de pânico, consciente do escrutínio dos pais. — Pabbi, o comissário distrital Blöndal visitou-nos enquanto estavam fora — murmurou.

Jón soergueu-se um pouco e olhou para a filha.

— O comissário distrital? — repetiu.

Margrét cerrou os punhos.

— Que queria ele? — perguntou.

— Trazia-te uma carta, Pabbi.

Margrét fitou Lauga.

— Porque não mandou um criado? Tens a certeza que era o Blöndal?

— Mamma, por favor.

Jón estava em silêncio.

— Onde está a carta? — perguntou depois.

Lauga descalçou-lhe o outro sapato e deixou-o cair no chão. A lama soltou-se do couro.

— A Steina queimou-a.

— Para quê? Santo Deus!

— Mamma! Está tudo bem. Eu sei o que dizia. Pabbi, vamos ser obrigados a...

— Pabbi! — Era a voz de Steina que ecoava pelo corredor. — Não conseguirás adivinhar quem teremos de manter prisioneira dentro da nossa casa.

— Prisioneira? — Margrét virou-se para interrogar a filha mais velha, que acabava de entrar na sala. — Steina, estás ensopada!

Steina baixou os olhos para o avental encharcado e encolheu os ombros.

— Entornei os baldes e tive de voltar atrás para os encher de novo. Pabbi, o Blöndal vai obrigar-nos a alojar a Agnes Magnúsdóttir em nossa casa!

— Agnes Magnúsdóttir? — Margrét voltou-se para Lauga, horrorizada.

— Sim, a assassina, Mamma! — exclamou Steina, desatando o avental molhado e pousando-o cuidadosamente na cama a seu lado. — A que matou o Natan Ketilsson!

— Steina! Eu estava justamente a explicar ao Pabbi...

— E o Pétur Jónsson, Mamma.

— Steina!

— Oh, Lauga, lá porque querias ser tu a contar.

— Não deves interromper...

— Meninas. — Jón pôs-se de pé, com os braços estendidos. — Basta. Começemos pelo princípio, Lauga. Que aconteceu?

Lauga hesitou, depois contou aos pais tudo de que se lembrava da visita do comissário distrital, ficando cada vez mais corada enquanto recitava o que recordava da carta.

Ainda ela não terminara e já Jón recomeçava a vestir-se.

— Com certeza, não é uma coisa que sejamos obrigados a fazer! — Margrét puxou a manga do marido, mas Jón sacudiu-a, recusando olhar para o rosto perturbado da mulher.

— Jón — murmurou Margrét. Olhou para as filhas, ambas sentadas com as mãos no regaço, observando silenciosamente os pais.

Jón calçou novamente as botas, atando as tiras em torno do tornozelo. O couro chiou quando as apertou bem.

— É demasiado tarde, Jón — disse Margrét. — Vais a Hvammur? Encontrarás todos a dormir.

— Acordá-los-ei. — Tirou o chapéu de montar do prego, tomou a mulher pelos ombros e, com gentileza, retirou-a do seu caminho. Ace-



nando uma despedida às filhas, saiu do quarto com grandes passadas, atravessou o corredor e fechou a porta de casa atrás de si.

— Que havemos de fazer, Mamma? — A vizinha de Lauga veio de um canto escuro do quarto.

Margrét fechou os olhos e respirou fundo.

Jón voltou a Kornsó algumas horas depois. Kristín, que regressara da sua tarde de folga e ouvira uma sonora reprimenda de Margrét, olhava com semblante acusador para Steina. Margrét parou por momentos de tricotar, pensando se devia ou não tentar que as duas raparigas fizessem as pazes, quando ouviu ranger a porta e os passos pesados do marido no corredor.

Jón entrou e fitou imediatamente a mulher. Esta cerrou os maxilares.

— Então? — Margrét conduziu o marido à cama.

Jón pôs-se a mexer nos cordões dos sapatos.

— Por favor, Pabbi — suplicou Lauga, caindo de joelhos. — Que disse o Blöndal? — Arrancou-lhe uma bota e saltou para trás com o impulso. — Ela sempre vem para aqui?

Jón acenou afirmativamente.

— É como a Lauga disse. A Agnes Magnúsdóttir será retirada do seu alojamento em Stóra-Borg e trazida para aqui.

— Mas porquê, Pabbi? — perguntou Lauga baixinho. — Que mal fizemos?

— Não fizemos nada. Sou um xerife. Ela não pode ser colocada numa família qualquer. É responsabilidade das autoridades, e eu sou uma autoridade.

— Há muitíssimas *autoridades* em Stóra-Borg. — O tom de Margrét era amargo.

— Ela será transferida, apesar de tudo. Houve um incidente.

— Que aconteceu? — perguntou Lauga.

Jón baixou o olhar para o rosto bonito da filha mais nova.

— Estou certo de que não foi nada com que devamos preocupar-nos — concluiu.

Margrét deu uma gargalhada breve.

— E nós vamos, simplesmente, ceder? Como um cachorrinho a re-bolar? — A voz dela diminuiu até um sussurro. — Essa Agnes é uma

*assassina*, Jón. Temos aqui as nossas filhas, os nossos trabalhadores. Até a Kristín. Somos responsáveis por outras pessoas!

Jón lançou à mulher um olhar expressivo.

— O Blöndal pretende recompensar-nos, Margrét. Há uma remuneração pelo alojamento dela.

Margrét fez uma pausa. Quando voltou a falar, o seu tom era submisso.

— Talvez devêssemos mandar as raparigas para outro sítio.

— Não, Mamma! Não quero sair daqui — gritou Steina.

— Seria para a tua própria segurança.

Jón pigarreou.

— As raparigas estarão bastante seguras contigo, Margrét. — Suspirou. — Há mais uma coisa. O Björn Blöndal requisitou a minha presença em Hvammur na noite em que a mulher chega aqui.

Margrét abriu a boca, consternada.

— Queres dizer que *eu* tenho de a receber?

— Pabbi, não podes deixar a Mamma sozinha com ela — gritou Lauga.

— Não estará sozinha. Vocês estarão aqui. Haverá oficiais de Stóra-Borg. E o Blöndal arranjou um reverendo.

— E que há de tão importante em Hvammur, para Blöndal exigir a tua presença, na própria noite em que introduz uma criminosa em nossa casa?

— Margrét...

— Não, insisto. Isto não é justo.

— Temos de discutir quem será o carrasco.

— Carrasco!

— Todos os xerifes estarão presentes, incluindo os de Vatnsnes, que viajarão com os cavaleiros de Stóra-Borg. Dormiremos aí essa noite e regressamos no dia seguinte.

— E, entretanto, eu fico sozinha com a mulher que matou o Natan Ketilsson.

Jón olhou calmamente para a mulher.

— Terás as tuas filhas.

Margrét ia dizer mais qualquer coisa, mas mudou de ideias. Olhou com dureza para o marido, pegou na malha e começou a trabalhar furiosamente com as agulhas.

Steina baixou os olhos e observou os pais. Pegou no seu jantar, sentindo dores de barriga. Segurou a tigela de madeira entre as mãos e examinou os pedaços de carneiro que nadavam no caldo gorduroso. Pegando lentamente na colher, levou um pedaço aos lábios e começou a mastigar, detetando com a língua uma cartilagem no meio da carne. Resistiu ao instinto de cuspir e esmagou-a com os dentes, engolindo em silêncio.

**D**epois de decidirem que devo partir, os homens de Stóra-Borg, por vezes, amarram-me as pernas durante a noite, como se faz às patas dianteiras dos cavalos, para garantirem que não fujo. Parece que, a cada dia que passa, sou para eles mais como um animal, mais uma besta de olhos vazios que têm de alimentar com restos e manter abrigada. Deixam-me no escuro, recusam-me luz e ar e, quando tenho de ser movida, atam-me e conduzem-me aonde querem.

Aqui, nunca falam comigo. No inverno, no *badstofa*, podia sempre escutar a minha respiração, e tinha medo de engolir, não fosse toda a sala ouvir. Os únicos sons que então faziam companhia ao corpo eram o restolhar das folhas da *Bíblia* e os sussurros. Percebia o meu nome nos lábios dos outros, e sabia que não eram bênçãos que me dirigiam. Agora, quando são obrigados por lei a ler em voz alta as palavras de uma carta ou edital, falam como se se dirigissem a alguém que estivesse atrás de mim. Recusam olhar-me nos olhos.

Tu, Agnes Magnúsdóttir, foste considerada culpada de cumplicidade em homicídio. Tu, Agnes Magnúsdóttir foste considerada culpada de fogo-posto e conspiração de assassinio. Tu, Agnes Magnúsdóttir, foste condenada à morte. Tu, Agnes. *Agnes*.

Eles não me conhecem.

Permaneço calada. Estou determinada a fechar-me ao mundo, a estreitar o meu coração e agarrar-me ao que ainda não me foi roubado. Não posso permitir-me desaparecer. Preservarei o que sou por dentro e manterei as mãos apertadas em volta das coisas que vi, ouvi e senti. Os poemas compostos enquanto lavava, ceifava e cozinhava até as minhas mãos ficarem em carne viva. As sagas que conheço de cor. Estou a afundar tudo o que me resta e a submergir. Se falar, será em bolhas de ar. Eles não serão capazes de guardar as minhas palavras para si próprios. Verão

a rameira, a louca, a assassina, a mulher que escorre sangue para a relva e ri com a boca cheia de terra. Dirão, “Agnes” e verão a aranha, a bruxa apanhada a tecer a sua própria teia fatídica. Poderão ver o cordeiro rodeado de corvos, balindo pela mãe perdida. Mas não me verão a mim, pois não estarei lá.

O reverendo Thorvardur Jónsson suspirou ao sair da igreja e penetrar no ar frio e húmido da tarde. Passara pouco mais de um mês desde que aceitara a proposta de Blöndal para visitar a mulher condenada, e não houvera um dia em que não questionasse essa decisão. Todas as manhãs se sentira incomodado, como se acabasse de acordar de um pesadelo. Mesmo enquanto fazia a sua caminhada diária até à pequena igreja de Breidabólstadir, para rezar e desfrutar de um momento de silêncio, sentia o estômago apinhado de nervos e o corpo trémulo, como que exaurido pela ambivalência que lhe ia na mente. Hoje não fora diferente. Sentado no banco duro, contemplando as mãos, deu por si a desejar estar doente, gravemente doente, tendo assim uma desculpa para não ir a Kornsó. A sua relutância e a vontade de sacrificar a sua abençoada saúde horrorizavam-no.

Agora é demasiado tarde, pensou ao passear pelo lastimável jardim no interior do cemitério da igreja. Deste a tua palavra ao homem e a Deus, e não podes voltar atrás.

Outrora, antes de a mãe morrer, o terreno da igreja estivera repleto de plantinhas que lançavam os seus rebentos rubros sobre as bermas dos túmulos no verão. A mãe dizia que os mortos faziam as flores balançarem, para saudar os que iam à igreja depois do inverno. Mas, depois de ela morrer, o pai arrancara as flores silvestres e, desde então, os túmulos tinham ficado nus.

A porta da casa de Breidabólstadir estava entreaberta. Quando Tóti entrou, o calor pesado da cozinha e o cheiro de sebo a derreter que vinha da vela do corredor causaram-lhe náuseas.

O pai inclinava-se sobre a caçarola a ferver, mexendo em qualquer coisa com uma faca.

— Parece-me que tenho de partir agora — anunciou Tóti.

O pai desviou o olhar do peixe a cozer e assentiu com a cabeça.

— Esperam-me ao princípio da noite, para travar conhecimento

com a família de Kornsó e estar presente quando... Bem, quando a criminosa chegar.

O pai franziu a testa.

— Nesse caso, vai, filho.

Tóti hesitou.

— Achas que estou preparado?

O reverendo Jón suspirou e tirou a caçarola do gancho por cima das brasas.

— Tu conheces o teu coração.

— Tenho estado na igreja, a rezar. Gostava de saber o que pensaria a Mamma disto tudo.

O pai de Tóti pestanejou lentamente e desviou o olhar.

— Que pensas *tu*, pai?

— Um homem deve ser fiel à sua palavra.

— Contudo, será a decisão correta? Eu... eu não quero desagradar-te.

— Deves procurar agradecer ao Senhor — murmurou o reverendo Jón, tentando pescar o peixe para fora da água quente com a faca.

— Rezarás por mim, pai?

Tóti esperou uma resposta, mas não a obteve. Talvez pense que *ele* é mais adequado para lidar com assassinas, pensou Tóti. Talvez tenha ciúmes por ela me ter escolhido. Viu o pai lamber um fragmento de peixe que ficara agarrado à lâmina. Ela escolheu-*me*, repetiu para si mesmo.

— Não me acordes quando chegares — pediu o reverendo Jón em voz bem alta quando o filho se virou e saiu da sala.

Tóti fez deslizar a sela por cima do cavalo e montou.

— Assim são as coisas — comentou, suspirando baixinho. Apertou suavemente os joelhos para fazer o cavalo avançar e olhou para a casa atrás de si. A fina coroa de fumo que saía da cozinha dissipava-se na morrinha da tarde.

Viajando através das ervas altas do vale que rodeava a igreja, o reverendo assistente tentou pensar no que deveria dizer. Devia ser simpático e acolhedor, ou duro e impenetrável, como Blöndal? Cavalgava, ensaiando vários tons de voz, diferentes saudações. Talvez fosse melhor esperar até ver a mulher. Inesperadamente, um pequeno arrepio percorreu-lhe o corpo. Ela era apenas uma criada, mas era uma *assassina*. Matara dois

homens. Chacinara-os como animais. Assassina. *Morðingi*. A palavra escorreu-lhe pela boca como se fosse leite.

Viajando pela península do Norte, com a sua pequena orla de oceano no horizonte, as nuvens começaram a clarear e a suave luz avermelhada dos finais de junho inundou o desfiladeiro. Gotas de água brilhavam vivamente no chão e as colinas apresentavam-se rosadas e mudas, sombras movendo-se lentamente através delas quando as nuvens deslizavam por cima. Pequenos insetos voavam, luminosos como manchas de poeira quando atravessavam o pôr do sol, e o cheiro doce e húmido da erva, quase pronta para ser colhida, subsistia no ar fresco dos vales. O pavor que Tóti sentira tão firmemente a forrar-lhe o estômago dissipou-se enquanto se entregava a uma serena contemplação dos campos diante de si.

Somos todos filhos de Deus, pensou de si para si. Esta mulher é minha irmã em Jesus e eu, como seu irmão espiritual, devo conduzi-la a casa. Sorriu e incentivou o cavalo a um *tölt*.

— Salvá-la-ei — suspirou.

## CAPÍTULO DOIS

*3 de maio de 1828  
Undirfell, Vatnsdalur*

*A condenada Agnes Magnúsdóttir nasceu em Flaga, na paróquia de Undirfell, em 1795. Foi Confirmada em 1809, idade em que foi descrita como possuindo «um excelente intelecto e um forte conhecimento e compreensão do Cristianismo».*

É o que consta no Registo Paroquial de Undirfell.

***P. Bjarnason***

**T**iraram-me do quarto e voltaram a algemar-me. Desta vez enviaram um funcionário do tribunal, um jovem com pele esburacada e um sorriso nervoso. É um funcionário de Hvammur, reconheci-lhe a cara. Quando abriu os lábios, pude ver que os dentes lhe apodreciam na boca. O seu hálito era horrível, mas não pior do que o meu próprio. Sei que tenho um cheiro nauseabundo. Estou coberta de crostas de sujidade e das exalações acumuladas do meu corpo: sangue, suor, gordura. Não me lembro da última vez que me lavei. O meu cabelo parece uma corda ensebada; tentei mantê-lo entrançado, mas não me permitiram fitas, e calculo que, aos olhos do funcionário, eu seja uma criatura monstruosa. Talvez tenha sido por isso que sorriu.

Ele tirou-me daquele quarto horrível e outros homens juntaram-se a nós enquanto me conduzia pelo corredor escuro. Ninguém falava, mas eu sentia-os atrás de mim; sentia os seus olhares como se me agarrassem o pescoço com mãos frias. Então, após meses num quarto impregnado apenas do meu hálito fétido e do fedor do bacio, fui levada pelos corredores de Stóra-Borg até ao pátio enlameado. E chovia.

Como posso explicar a sensação de voltar a respirar? Senti-me renascida. Cambaleei à luz do dia e inspirei profundamente o ar fresco do mar. Era já tarde: a boca molhada da tarde caía inteira no meu rosto. A minha alma desabrochou naquele breve momento em que me conduziram para fora de portas. Caí, com as saias na lama, e virei a cara para cima, como se rezasse. O conforto da luz quase me fez chorar.

Um homem estendeu uma mão e arrancou-me do chão, como se arranca um cardo enraizado de um lugar onde não pertence. Foi então que dei pela multidão ali reunida. Ao princípio não percebi porque estava ali aquela gente, homens e mulheres, todos imóveis, fitando-me em silêncio. Depois percebi que não era a mim que fitavam. Compreendi que aquelas pessoas não *me* viam. Eu era dois homens mortos. Eu era uma quinta incendiada. Eu era uma faca. Eu era sangue.

Não sabia o que fazer perante aquelas pessoas. Então avistei Rósa, observando à distância, segurando a mão da sua filhinha. Foi um con-



forto ver alguém conhecido e, involuntariamente, sorri. O sorriso foi um erro. Desencadeou a fúria da multidão. Os rostos das criadas retorceram-se e o silêncio foi quebrado pelo súbito e breve gemido de uma criança: *Fjandi!* Demónio! A palavra rebentou no ar como uma explosão de água num géiser. O sorriso desapareceu-me do rosto.

Ao ouvir o insulto, a multidão pareceu acordar. Alguém soltou uma gargalhada crispada e a criança foi mandada calar e levada por uma mulher mais velha. Um a um, todos partiram para casa ou para prosseguir as suas tarefas, até eu ficar sozinha com os oficiais, sob a morrinha, com as meias tesas do suor seco e o coração a arder sob a pele suja. Quando olhei de novo, Rósa desaparecera.

Agora avançamos a cavalo pelo Norte da Islândia, através desta ilha banhada pelas suas águas, mergulhando no seu oceano. Perseguindo as nossas sombras através das montanhas.

Amarraram-me à sela como se eu fosse um cadáver levado para o cemitério. Aos seus olhos, sou já uma mulher morta, destinada à sepultura. Tenho os braços atados diante do corpo. Enquanto prosseguimos este desfile terrível, os ferros picam-me a carne até esta sangrar diante dos meus olhos. Agora espero que me aconteça mal. Alguns dos guardas de Stóra-Borg infligiram ao meu corpo pequenas violências, registando o ódio que sentem por mim, uma marca aqui e ali, nódoas negras que se espalham como conjuntos de estrelas sob a minha pele, fumo negro e amarelo preso sob a membrana. Suponho que alguns conheciam Natan.

Mas agora levam-me para leste e, embora esteja amarrada como um carneiro para o sacrifício, sinto-me grata por regressar ao vale onde as pedras dão lugar à erva, ainda que aí morra.

Enquanto os cavalos prosseguem laboriosamente através do matagal, pergunto-me quando me matarão. Pergunto-me onde irão guardar-me, arrecadar-me como se eu fosse manteiga ou carne fumada. Como um cadáver, aguardando o degelo do solo para me poderem introduzir na terra como uma pedra.

Eles não me dizem estas coisas. Em vez disso, colocam-me algemas de ferro e conduzem-me e, como uma vaca, vou aonde me conduzem, e, se escoucear, surgirá a faca. É a corda e um fim sombrio. Baixo a cabeça, vou aonde me levam e espero que não seja, que ainda não seja, a sepultura.

As moscas são más. Arrastam-se-me na cara e nos olhos, e sinto as

cócegas das suas pernas e das suas asas. É o suor que as atrai. Estes ferros são demasiado pesados para que possa enxotá-las. Foram concebidos para um homem, embora estejam bastante apertados em torno da minha pele.

Ainda assim, é um consolo ter movimento, ter o calor de um cavalo sob as minhas pernas: sentir algo com vida e não ter tanto frio. Estive meia congelada durante tanto tempo que é como se o inverno se tivesse instalado no interior dos meus ossos. Infundáveis dias de escuridão dentro de casa e olhares de ódio são o suficiente para cobrir de geada os ossos de qualquer pessoa. Por isso, sim, é melhor estar cá fora. Mesmo com o ar cheio de moscas, é melhor estar a dirigir-me para algum lado que a apodrecer lentamente num quarto, como um corpo num caixão.

Além do zumbido dos insetos e do ritmo dos passos dos cavalos, ouço um rugido à distância. Talvez seja o oceano — o trovejar constante das ondas que atingem as areias de Thingeyrar. Ou talvez esteja a imaginar. O mar entra-nos na cabeça. Como Natan costumava dizer, uma vez que lhe permitas entrar, nunca mais te deixa sozinha. Como uma mulher, dizia ele. O mar é fastidioso.

Foi naquela primeira primavera em Illugastadir. A luz chegara como uma coisa perseguida, de olhos arregalados e trémula. O mar estava branco — Natan empurrou o barco ao longo da sua pele de prata, mergulhando os remos a seu lado.

— Silencioso como um cemitério de igreja — disse ele, sorrindo, com os braços levantados pela força da água. Ouvi o estalar de madeira e o praguejar sussurrado dos remos a bater a superfície do mar. — Porta-te bem quando eu partir.

Não penses nele.

Há quanto tempo cavalgamos? Uma hora? Duas? O tempo é escorregadio como óleo. Mas não podem ter sido mais de duas horas. Conheço estas paragens, sei que vamos para sul, talvez em direção a Vatnsdalur. É estranho como o coração se me agarra às costelas num instante. Quanto tempo passou desde a última vez que vi esta parte do país? Poucos anos? Muitos? Nada mudou.

Nunca chegarei mais perto de casa do que neste momento.

Atravessamos as estranhas colinas na boca do vale e ouço o crocitar dos corvos. As suas formas negras parecem presságios, de encontro ao

azul brilhante do céu. Todas aquelas noites em Stóra-Borg, na cama húmida e miserável, imaginava-me ao ar livre, alimentando os corvos de Flaga. Os corvos são pássaros cruéis, mas sábios. E as criaturas devem ser amadas pela sua sabedoria, se não o puderem ser pela sua generosidade. Quando era criança, via os corvos reunirem-se no telhado da igreja de Undirfell, na esperança de perceber quem morreria. Sentava-me no muro, esperando que um deles agitasse as penas, procurando ver em que direção virava o bico. Aconteceu uma vez. Um corvo instalou-se sobre a empena de madeira e virou o bico na direção da quinta de Bakki, e um rapazinho afogou-se alguns dias depois, tendo sido encontrado, inchado e cinzento, rio abaixo. O corvo sabia.

Sigga não sabia nada de pesadelos nem de fantasmas. Uma noite, quando fazíamos malha juntas em Illugastadir, ouvimos o gemer do corvo vindo do mar, que nos enregelou até aos ossos. Aconselhei-a a nunca chamar em voz alta nem alimentar um corvo à noite. Os pássaros que se ouvem crocitar nas trevas são espíritos, expliquei-lhe, e matam-te assim que te veem. Tenho a certeza que a assustei, ou ela nunca teria dito as coisas que disse mais tarde.

Pergunto-me onde estará Sigga agora. Porque recusaram mantê-la comigo em Stóra-Borg. Levaram-na uma manhã, quando eu estava a ferros, e nunca me disseram onde a prendiam, embora eu perguntasse mais de uma vez. «Longe de ti», responderam-me. «E isso basta».

— Agnes Magnúsdóttir!

O homem que cavalga a meu lado tem uma expressão dura.

— Agnes Magnúsdóttir, devo informar-te de que serás mantida em Kornsó até à hora da tua execução. — Está a ler qualquer coisa. Os olhos descaem-lhe para as luvas. — Como criminosa condenada pelo tribunal desta terra, renunciaste ao teu direito de liberdade. — Dobra o pedaço de papel e introdu-lo na luva. — Seria melhor desfranzires esse cenho. É boa gente, a de Kornsó.

Toma, homem. Toma lá o teu sorriso. Serve? Vês os meus lábios abrirem? Vês-me os dentes?

Ele ultrapassa a minha montada e vejo que tem as costas da camisa húmidas de suor. Será que fizeram de propósito? Precisava mesmo de ser Kornsó?

Ontem, quando me encontrava fechada na arrecadação de Stóra-Borg, Kornsó ter-me-ia parecido o céu. Um lugar de infância, o rio,

a relva luzidia, os pequenos outeiros de turfa que ressumam água na primavera. Agora, vejo que será uma humilhação. No vale, as pessoas conhecer-me-ão. Lembrar-se-ão do que eu era — quando era bebé, menina, mulher, indo de quinta em quinta — e depois pensarão nos assassínios, e essa menina, essa mulher, serão esquecidas. Não suporto olhar à minha volta. Fito a crina do cavalo e os piolhos que se lhe arrastam no pelo, e não sei se são do animal ou se são meus.

O reverendo Tóti curvou-se sob a baixa ombreira da porta e semi-cerrou os olhos para o matiz rosado do Sol da meia-noite. No extremo do campo que ficava mais a norte, avistou uma fila de cavalos que se aproximava. Procurou a mulher entre os cavaleiros. Em contraste com a imensidão de feno dourado que os rodeava, as figuras pareciam pequenas e escuras.

Margrét saiu de casa e colocou-se atrás dele.

— Espero que nos deixem alguns homens, não vá ela matar-nos enquanto dormimos.

Tóti virou-se para fitar o rosto duro de Margrét. Também ela semi-cerrava os olhos para ver os cavaleiros, e tinha a testa muito enrugada. Repuxara o cabelo em duas tranças firmes e enroladas, e usava o seu melhor chapéu. Tóti reparou que trocara o avental sujo com que o recebera ao princípio da noite.

— As suas filhas juntar-se-ão a nós?

— Estão demasiado cansadas para ficarem a pé. Mande-as para a cama. Não percebo por que motivo a criminosa tem de ser trazida a meio da noite.

— Para não perturbar a vizinhança, diria eu — foi a sua resposta sensata.

Margrét mordeu o lábio e as bochechas inundaram-se-lhe de vermelho.

— Não me agrada partilhar o meu lar com os filhos do demónio — disse, baixando a voz até um sussurro. — Reverendo Tóti, devemos deixar claro que não queremos a companhia dela. Que levem a mulher para uma ilha, já que não a querem em Stóra-Borg.

— Temos todos de cumprir o nosso dever — murmurou Tóti, observando a fila virar e dirigir-se aos campos que rodeavam a casa. Tirou o

rapé da algibeira e retirou uma pitada. Colocando-a cuidadosamente no côncavo ao lado do polegar esquerdo, dobrou a cabeça e cheirou.

Margrét tossiu e cuspiu.

— Mesmo que isso signifique sermos esfaqueados durante a noite como porcos, reverendo Tóti? Você é um homem, um homem jovem, sim, mas um homem de Deus. Não me parece que ela o mate. Mas nós? As minhas filhas? Santo Deus, como haveremos de dormir em paz?

— Deixarão aqui um oficial — murmurou Tóti, virando a sua atenção para um cavaleiro solitário que se aproximava deles a meio galope.

— Terão de o fazer, ou eu própria a conduzirei de volta a Stóra-Borg.

Margrét retorceu as mãos de encontro ao estômago e virou o olhar para um pequeno bando de corvos que voava silenciosamente através da cadeia de montanhas de Vatnsdalsfjall. Eram como cinzas, rodopiando no céu.

— O senhor é um homem de tradições, reverendo Tóti? — perguntou Margrét.

Tóti virou-se para ela, pensando na pergunta.

— Se estas forem nobres e cristãs.

— Conhece o nome correto para um bando de corvos?

Tóti abanou a cabeça.

— Uma conspiração, reverendo. Uma *conspiração*. — Margrét ergeu uma sobrancelha, desafiando-o a discordar.

Tóti observou os corvos que se instalavam nas traves do estábulo.

— É verdade, senhora Margrét? Pensava que lhes chamavam uma *indelicadeza*.

Antes de Margrét ter tempo para responder, o cavaleiro que se aproximava a meio galope chegou ao limite do campo.

— *Komið þið sæl og blessuð* — gritou ele.

— *Drottin blessi yður*. Que o Senhor te proteja — responderam em unísono. Margrét e Tóti aguardaram que o homem desmontasse antes de se aproximarem. Trocaram beijos formais, segundo o costume. O homem estava molhado de suor e tresandava a cavalo.

— Ela está aqui — anunciou sem fôlego. — Suponho que a encontrou fatigada da viagem. — Voltou a deter-se, para tirar o chapéu e passar a mão sobre o cabelo húmido. — Não me parece que vos cause problemas.

Margrét bufou.

O homem fez-lhe um sorriso frio.

— Temos ordens para ficarmos aqui esta noite e nos assegurarmos disso. Acamparemos em volta da casa.

Margrét acenou solenemente.

— Desde que não pisem a erva. Aceita um pouco de leite? Soro e água?

— Obrigado — respondeu o homem. — Recompensaremos a sua generosidade.

— Não é necessário. — Margrét cerrou os lábios. — Limitem-se a garantir que a megera não se aproxima das facas da minha cozinha.

O homem riu-se dissimuladamente e virou-se para seguir Margrét para casa. Quando ele passou, Tóti segurou-lhe o braço.

— A prisioneira solicitou que eu falasse com ela. Onde está?

O homem apontou o cavalo mais afastado da casa.

— É a que tem a boca mais amarga. A criada mais jovem permanece em Midhóp. Dizem que aguarda o resultado de um recurso.

— Um recurso? Julgava-os condenados!

— Muita gente de Vatnsnes deseja que a Sigga receba um perdão do rei. É demasiado jovem e doce para morrer. — O homem fez uma careta. — Não é como esta. Tem um feitio terrível, quando quer.

— Aguarda um recurso?

O homem riu-se.

— Não me agradam as suas hipóteses. O Blöndal está por trás da mais nova. Dizem que lhe lembra a mulher. Esta... Bem, o Blöndal quer que sirva de exemplo.

Tóti olhou para os cavalos que agora se juntavam no extremo do terreno. Os homens tinham começado a desmontar e a tratar dos seus embrulhos. Apenas uma figura permanecia montada. Ele aproximou-se mais dos homens.

— Há um nome apropriado? Como devo chamar...?

— Apenas Agnes — interrompeu o homem. — Ela responderá por Agnes.

**C**hegámos. Os homens de Stóra-Borg estão a desmontar a pouca distância da casa abaulada de Kornsó. Duas figuras estão do lado de fora, um homem e uma mulher, e o cavaleiro que anunciou a eliminação dos meus direitos encaminha-se para eles. Ninguém vem

tirar-me as algemas. Talvez me tenham esquecido. A mulher baixa a cabeça para entrar em casa, tossindo e cuspidando como uma velha bruxa, mas o homem continua a falar com o oficial de Stóra-Borg.

Ao meu lado esquerdo ouço risos — dois oficiais estão a mijar para o chão. Sinto o cheiro no ar quente. Como sempre, ninguém notou que não comi nem tomei um gole de água durante todo o dia. Os meus lábios estão rachados como lenha. Sinto o mesmo que quando era pequena e esfomeada, como se os meus ossos estivessem a alargar dentro do corpo, como se o meu esqueleto fosse sair de dentro de mim. Parei de sangrar. Já não sou uma mulher.

Um dos homens dirige-se a mim, atravessando o terreno com passos largos. Não olho para ele.

— Olá, Agnes. O meu... o meu nome é reverendo Thorvardur Jónsson. Sou o reverendo assistente de Breidabólstadir, em Vesturhóp. — Está sem fôlego.

Não levantes os olhos. É ele. É a mesma voz.

Ele tosse, depois dobra-se como se fosse beijar-me, segundo o costume, mas hesita, recuando e quase caindo sobre um arbusto. Sem dúvida, sente o cheiro de urina seca nas minhas meias.

— Pediste para me ver? — Tem a voz insegura.

Ergo o olhar.

Ele não me reconhece. Não sei se hei de sentir-me aliviada ou desapontada. Tem o cabelo tão ruivo como antes, rubro como o Sol da meia-noite. Parece que os caracóis absorveram a luz, como quando tingimos um novelo de lã. Mas tem o rosto mais envelhecido. Emagreceu.

— Pediste para me ver? — repete. Quando o fito, desvia o olhar, depois limpa nervosamente o suor por cima do lábio, deixando um trilho de pontinhos escuros. Rapé? Ele não quer estar aqui.

A língua inchou dentro da minha boca e não consigo mexê-la para formar palavras. De qualquer maneira, que lhe diria, agora que chegámos a este ponto? Coço as crostas dos pulsos, onde os ferros raspam a pele, e pequenas bolhas de sangue afloram à superfície. Ele repara.

— Bem, tenho de... Estou contente por te ter conhecido mas... é tarde. Tu tens de... Bem, visitar-te-ei de novo em breve. — Faz uma vénia desajeitada, vira-se e vai-se embora, tropeçando devido à rapidez. Vai antes que eu possa mostrar-lhe que compreendo. Espalho o sangue fresco pelo braço enquanto o vejo tropeçar até ao seu cavalo.

Agora estou sozinha. Observo os corvos e ouço os cavalos a comerem.

**D**epois de os homens de Stóra-Borg terem comido e se terem retirado para as tendas onde passariam a noite, Margrét recolheu as tigelas de madeira sujas e voltou para dentro. Ajeitou os cobertores das filhas adormecidas e caminhou vagarosamente pelo pequeno quarto, dobrando-se para apanhar pedaços de erva seca que tinham caído das camadas de turfa entre as vigas. Desesperava-a a sujidade do quarto. Outrora, as paredes ostentavam painéis de madeira norueguesa, mas Jón removera-os para pagar uma dívida a um agricultor que vivia do outro lado do vale. Agora, no verão, as paredes de turfa vazias deixavam cair a sujidade e a erva para cima das camas, e no inverno ficavam frias e húmidas, produzindo fungos que gotejavam para os cobertores de lã e infestavam os pulmões de toda a gente. A casa começara a desintegrar-se, uma espelunca que contagiara os seus habitantes com o mesmo estado de decadência. No ano anterior, duas criadas tinham morrido de doenças causadas pela humidade.

Margrét pensou na sua própria tosse e levou instintivamente a mão à boca. Desde as notícias trazidas pelo comissário, os seus pulmões expeliam putrefação cada vez mais regularmente. Levantava-se todas as manhãs com um peso no peito. Margrét não sabia se era do medo pela chegada da criminosa, ou da porcaria que se lhe acumulava nos pulmões durante a noite, mas surgiam-lhe ideias de morte. Estava tudo a desabar lá dentro, pensou.

Um dos oficiais fora buscar Agnes, que permanecera amarrada, junto dos cavalos. Margrét apenas tivera um vislumbre distante da mulher quando saíra dos quartos lúgubres da casa para levar a ceia aos homens — um vago borrão azul, uma mancha de saias a serem arrastadas de cima de um cavalo. Agora, o seu coração ribombava. Não tardaria, a assassina estaria diante de si. Ver-lhe-ia o rosto, sentiria o seu calor naquele espaço acanhado. Que havia de fazer? Como comportar-se diante de uma tal mulher?

Se ao menos o Jón aqui estivesse, pensou. Ele poderia sugerir-me o que lhe dizer. É preciso um homem, um homem bom, para saber como lidar com uma mulher que fez a sua cama nas pedras.



Margrét sentou-se e remexeu distraidamente a erva na sua mão. Ela dirigira as criadas que tinham passado pela casa do marido ao longo de quase quatro décadas, através de muitas quintas e, contudo, sentia-se tolhida pela sua própria insegurança e apreensão. Aquela mulher, aquela Agnes, não era uma criada, certamente que não era uma convidada e não era uma indigente. Não merecia caridade e, contudo, estava condenada à morte. Margrét estremeceu. A luz da candeia refletia a sua sombra nas tábuas do soalho.

Passos abafados soaram na ombreira da porta. Margrét levantou-se rapidamente, deixando cair os tufo de erva ao abrir os punhos cerrados. A voz do oficial trovejou das sombras do corredor.

— Senhora Margrét de Kornsó? Trago a prisioneira. Podemos entrar?

Margrét suspirou profundamente e endireitou-se.

— Por aqui — ordenou.

O homem entrou primeiro no *badstofa*, sorrindo amplamente a Margrét que estava rígida, com as mãos segurando firmemente o tecido do avental. Relanceou as filhas adormecidas e sentiu o sangue pulsar-lhe na garganta.

Houve um momento de silêncio enquanto o oficial pestanejava para acostumar os olhos à falta de luz e depois, abruptamente, puxou a mulher para dentro do quarto.

Margrét não estava preparada para a sujidade e desalinho da aparência da mulher. A criminosa vestia o que parecia ser um vulgar vestido de trabalho de uma criada, de lã grosseiramente tecida, mas tão manchado e enlameado que a original cor azul mal se distinguia sob a camada de gordura castanha no decote e nos braços. Uma camada espessa de lama seca afastava o vestido do corpo da mulher. As meias, de um azul desbotado, estavam ensopadas, descaíam-lhe nos tornozelos e uma estava rota, expondo uma pequena porção de pele branca. Os sapatos, que pareciam de pele de foca, estavam descosidos, mas tão cobertos de lama que era impossível ver a dimensão dos seus estragos. O cabelo, descoberto, estava manchado de óleo. Descia-lhe pelas costas em duas tranças escuras. Algumas madeixas tinham-se soltado e caíam-lhe molemente no pescoço. Parecia ter sido arrastada desde Stóra-Borg, pensou Margrét. Escondia o rosto, fitando o chão.

— Olha para mim.

Agnes levantou vagarosamente a cabeça. Margrét estremeceu ao ver a mancha de sangue seco na boca dela, e as camadas de porcaria que lhe atravessavam a testa. Uma mancha amarela espalhava-se do queixo até um dos lados do pescoço. Os seus olhos piscaram do chão até encontrarem os de Margrét, que ficou perturbada com a sua intensidade, a sua cor parecendo mais clara e incisiva em contraste com a sujidade que lhe cobria o rosto. Margrét virou-se para o oficial.

— Esta mulher foi espancada. — O homem procurou ver-lhe humor no rosto e, não o vendo, baixou os olhos. — Onde estão as coisas dela?

— Só tem a roupa que traz no corpo — respondeu o homem. — As autoridades ficaram com o resto, para cobrir as despesas com a comida.

Revigorada por um súbito ataque de raiva, Margrét apontou as algemas nos pulsos da mulher.

— É necessário mantê-la amarrada como um carneiro pronto para a matança? — perguntou-lhe.

O homem encolheu os ombros e começou a procurar uma chave. Com alguns movimentos rápidos, libertou Agnes das algemas. Ela deixou tombar os braços ao longo do corpo.

— Pode ir, agora — disse Margrét ao homem. — Um de vocês pode entrar quando eu for dormir, mas quero ficar algum tempo sozinha com ela.

O oficial arregalou os olhos.

— Tem a certeza? — perguntou. — Não é seguro.

— Como disse, pedirei alguém quando me retirar para a cama. Pode ficar junto da porta, lá fora, e eu gritarei se for necessário.

O oficial hesitou, depois acenou e partiu com uma saudação. Margrét virou-se para Agnes, que permanecia imóvel a meio da divisão.

— Tu. Segue-me.

Margrét não queria tocar na mulher, mas a falta de luz na casa obrigou-a a pegar-lhe no braço para a conduzir à divisão certa. Sentia-lhe os ossos do pulso e crostas de sangue nos dedos. A mulher cheirava a urina antiga.

— Por aqui. — Margrét atravessou lentamente até à cozinha, baixando a cabeça sob a ombreira baixa.

A cozinha estava iluminada pelas brasas moribundas do lume na lareira de pedra e por um pequeno buraco no teto de colmo que servia de chaminé. Deixava entrar uma luz rosada e fraca, que se espalhava pelo

chão de terra compacta e iluminava o fumo suspenso. Margrét introduziu Agnes lá dentro, depois virou-se e fitou-a.

— Tira a roupa. Tens de te lavar, se vais dormir nos meus cobertores. Não quero que infestes a casa com mais piolhos que os que já temos.

O rosto de Agnes estava impassível.

— Onde está a água? — perguntou com voz rouca.

Margrét hesitou, depois virou-se para uma grande caçarola sobre as brasas. Mergulhando a mão lá dentro, tirou a loiça que lá ficara e arrastou-a para o chão.

— Aí — respondeu. — E está quente. Agora despacha-te, já passa da meia-noite.

Agnes olhou para a caçarola e, subitamente, caiu no chão. Ao princípio, Margrét julgou que desmaiara, mas rapidamente compreendeu o seu erro. Viu Agnes debruçar a cabeça sobre caçarola e levar mãos cheias de água engordurada à boca, arfando e bebendo com a mesma urgência de um animal numa manjedoura. A água escorria-lhe pelo queixo e pelo pescoço, caindo-lhe nas pregas rígidas do vestido. Sem pensar, Margrét baixou-se e tirou a testa de Agnes de dentro do recipiente.

A mulher caiu para trás sobre os cotovelos e gritou, com a água a gorgolejar-lhe na boca. O coração de Margrét estremeceu ao ouvir o som. Agnes tinha os olhos meio fechados e a boca aberta. Parecia aqueles que Margrét vira enlouquecer devido à bebida, ao medo ou à dor que se sente quando a morte cai pesadamente num lar.

Agnes gemeu e esfregou a boca com as costas da mão, depois o vestido. Levantou-se do chão e tentou manter-se de pé.

— Tenho sede.

Margrét acenou com a cabeça, com o coração ainda a retumbar-lhe no peito. Engoliu em seco.

— Para a próxima, pede um copo.

**Q**uando o reverendo Tóti voltou à quinta do pai, perto da igreja de Breidabólstadir, estava encharcado em suor. Fizera uma cavalgada dura desde Kornsó, apertando os flancos do cavalo com os calcanhares, enquanto o vento lhe golpeava o rosto e lhe aflorava o sangue às bochechas.

Abrandando, conduziu o cavalo, a espumar da boca, até uma pas-

sagem na vedação, junto da entrada de casa. Desmontou com as pernas a tremer. Levantara-se vento e, enquanto este se lhe infiltrava pelas roupas estreitamente tecidas, sentiu a pele encharcada em suor arrefecer e começou a ter comichão. Cerrou os maxilares. As mãos tremiam-lhe ao prender as rédeas.

Nuvens pesadas eram sopradas do mar e a luz desaparecia rapidamente, apesar de o solstício de verão não ter sido há muito. Tóti puxou para cima o colarinho húmido, tapando melhor o pescoço, e enterrou mais o chapéu na cabeça. Dando uma palmadinha na garupa do cavalo, começou a subir a pequena ladeira até à igreja. Sentia-se como um pano encharcado que tivesse sido torcido e deixado amarrotado no chão. Aqueles dias nortenhos, com os seus permanentes dedos de luz, o crepúsculo constante, perturbavam-no. Não conseguia adivinhar a hora do dia, como fazia na escola, no Sul.

Começara a chover e o vento tornou-se mais forte. Fustigava as ervas altas, vergando os caules para depois os levantar novamente. A erva parecia prata, sob luz cada vez mais fraca.

Tóti subiu a ladeira com grandes passadas, esticando os músculos ao caminhar, pensando no seu encontro com a mulher. A mulher. A criminosa. *Agnes*.

Primeiro, notara a maneira como ela, amarrada à sela, abrira as pernas sobre o cavalo, para não escorregar. Depois, sentira o seu cheiro, a pungência intensa de um corpo desmazelado, de roupas sujas e de suor fresco, sangue quente e mais alguma coisa que vinha de entre as pernas abertas. Um fedor peculiar às mulheres. Corou ao pensar nisso.

Mas não fora o cheiro que o enjoara. A mulher parecia um cadáver acabado de desenterrar. Selvagens cabelos negros, tesos da gordura, e o castanho-acinzentado de sujidade nos poros da sua pele. Cores de lepra.

Ele tivera vontade de virar costas e fugir. Como um cobarde.

Encurvando-se contra o vento e a chuva, Tóti castigava-se por dentro. Que espécie de homem és, se queres fugir quando vês carne flagelada? Que espécie de padre serás, se não suportares a aparência do sofrimento?

Fora uma ferida particularmente vívida no queixo dela que mais o perturbara. De uma cor amarela e antiga, como gema de ovo seca. Tóti imaginava com que força lhe fora infligida. A mão bruta de um homem,

segurando-a por baixo da garganta. Uma corda, amarrando-a às grilhetas. Uma queda.

Há tantas maneiras de acontecer mal a uma pessoa, pensou. Chegou ao adro da igreja e tentou abrir o portão.

Talvez tivesse sido um acidente. Talvez se tivesse magoado a si mesma.

O reverendo estugou o passo até à igreja, sobre o caminho de pedras, tentando não olhar para os túmulos nas sombras, com as suas cruzes de madeira. Tirando da algibeira uma chave tosca, abriu a porta e entrou. Ficou aliviado ao fechar a porta de madeira atrás de si, calando assim o rugido baixo do vento. Lá dentro, o silêncio era completo. O único som era o leve tamborilar da chuva na única janela da igreja, um buraco coberto com pele de peixe.

Tóti tirou o chapéu da cabeça e percorreu o cabelo com a mão. As tábuas do soalho estalaram quando se dirigiu ao púlpito. Deteve-se um momento, semicerrando os olhos para o mural pintado atrás do altar. A Última Ceia.

O mural era feio: uma grande mesa, com um Jesus atarracado. Judas, envolto em sombra, tinha um efeito cómico, parecido com um *troll*. O artista fora o filho de um comerciante local, casado com uma dinamarquesa e com conexões no seio do governo. Depois da missa, um domingo, Tóti ouvira o comerciante falar com o reverendo Jón, queixando-se de que a pintura do mural anterior estava a descascar. O comerciante mencionara o filho e o talento artístico que lhe garantiria uma bolsa em Copenhaga. Se o reverendo Jón lhe permitisse exprimir a sua singular devoção à paróquia, ele compraria alegremente todos os materiais necessários e doaria o labor do filho, sem qualquer despesa para a igreja. Naturalmente, o pai de Tóti, sendo um homem com grande sentido de economia, permitira que ele pintasse por cima da pintura antiga.

Tóti sentia a falta desta. Era uma bela ilustração do Velho Testamento, Jacob lutando com um anjo, o rosto do homem enterrado no ombro do anjo, o punho segurando as penas sagradas.

Tóti suspirou e ajoelhou-se vagarosamente. Colocando o chapéu no chão, apertou estreitamente as mãos no peito e começou a orar em voz alta.

— Oh, Pai dos Céus, perdoa os meus pecados. Perdoa as minhas fraquezas e o meu medo. Ajuda-me a combater a minha cobardia. For-

talece a minha capacidade para suportar a visão do sofrimento, para que eu possa fazer o Teu trabalho, aliviando aqueles que padecem.

»Senhor, rezo pela alma desta mulher que cometeu um pecado terrível. Por favor, conceda-me as palavras com que eu possa inspirar o seu arrependimento.

»Confesso o meu medo. Não sei o que lhe dizer. Não me sinto à vontade, Senhor. Por favor, guarda o meu coração contra... o horror que esta mulher me inspira.

Permaneceu de joelhos por algum tempo. Só a lembrança do seu cavalo amarrado lá fora, à chuva, o fez finalmente levantar e trancar a porta da igreja atrás de si.

**M**argrét acordou cedo no dia seguinte. O oficial que dormira na cama ao lado para a proteger da criminosa ressonava. O som da respiração gargarejada entrara-lhe nos sonhos e acordara-a.

Margrét virou-se para a parede e enterrou os cantos do cobertor nos ouvidos, mas o rressonar entrecortado do homem enchia-lhe a cabeça. O sono abandonara-a. Deitou-se de costas e olhou para o outro lado do quarto, onde estava o oficial. O seu grosseiro cabelo louro espetava-se em tufo oleoso, e tinha a boca aberta. Margrét notou algumas manchas no queixo do homem.

Então é assim que eles me protegem de uma criminosa, pensou. Mandam-me um rapaz que dorme como um bebé.

Deu uma olhadela à prisioneira, deitada na cama de uma das criadas, no canto do quarto. A mulher estava adormecida e imóvel. As filhas também dormiam. Margrét soergueu-se, apoiada nos cotovelos, para ver melhor.

*Agnes.*

Margrét pronunciou a palavra em silêncio.

Parece errado chamar-lhe um nome cristão, pensou Margrét. Como lhe chamariam em Stóra-Borg, perguntou-se. Prisioneira? Acusada? Condenada? Talvez fosse com a ausência de um nome, com o silêncio onde um nome devia estar, que a chamassem.

Margrét estremeceu e puxou o cobertor. Os olhos de Agnes estavam bem cerrados, assim como a boca. A touca que Margrét lhe dera

desatara-se durante a noite e o cabelo escuro, solto, espalhava-se como uma mancha sobre a almofada.

Era estranho ver finalmente a mulher, após um mês de ansiedade, concluiu. Um mês de medo, também. Um medo tenso, como uma linha de pesca cujo anzol está preso a algo que, inevitavelmente, tem de ser arrastado das profundezas.

Nos dias e noites a seguir ao regresso de Jón do seu encontro com Blöndal, Margrét tentara imaginar como agiria em relação à assassina, e qual seria o aspeto da mulher.

Que espécie de mulher mata homens?

As únicas assassinas que Margrét conhecia eram as das sagas e, mesmo aí, era com palavras que elas matavam; davam ordens a criados para matar amantes ou vingar a morte de parentes. Estas mulheres assassinavam à distância e mantinham as mãos limpas.

Mas os tempos, agora, não eram os tempos das sagas, pensara Margrét. Aquela não era a mulher de uma saga. Era uma criada sem terra, que crescera num caldo de humidade e pobreza.

Voltando a deitar-se na cama, Margrét recordou-se de Hjördis, a sua criada favorita, agora morta e enterrada no cemitério da igreja de Undirfell. Tentou imaginar Hjördis como assassina. Tentou imaginar a criada a esfaqueá-la durante o sono, da mesma maneira que Natan Ketilsson e Pétur Jónsson tinham morrido. Aqueles dedos esguios, apertados em torno de um cabo de faca, os passos silenciosos na noite.

Era impossível.

Lauga perguntara-lhe se ela achava que haveria algum sinal exterior da maldade que levava alguém a assassinar. Uma evidência demoníaca: um lábio leporino, um dente saído, um sinal de nascença; qualquer pequeno defeito exterior. Devia haver um aviso, alguma forma de saber, para que as pessoas honestas pudessem manter-se alerta. Margrét respondera-lhe que não, que tudo aquilo lhe pareciam superstições, mas Lauga não ficara convencida.

Margrét, pelo contrário, perguntara-se se a mulher seria bonita. Ela sabia, como toda a gente do Norte, que o famoso Natan tivera jeito para descobrir beldades. As pessoas consideravam-no feiticeiro.

A vizinha de Margrét, Ingibjörg, ouvira dizer que fora Agnes a causadora do fim do romance de Natan com Poet-Rósa. Ficaram a pensar se isso significaria que a criada era mais bonita que ela. Não era tão difícil

acreditar que uma mulher bonita fosse capaz de matar, pensou Margrét. Como se diz nas sagas, *Opt er flagð í fögru skinni*. Uma bruxa tem muitas vezes uma tez clara.

Mas esta mulher não era feia, nem era uma beleza. Talvez chamasse a atenção, mas não do género que inspirasse olhares lascivos aos jovens. Era muito magra, magra como um elfo, assim diria a gente do Sul, e de estatura vulgar. Na noite anterior, na cozinha, o seu rosto parecera-lhe muito comprido, notara as maçãs do rosto altas e o nariz direito. Tirando as nódoas negras, a sua pele era pálida e parecia-o ainda mais devido à negrura do cabelo. Um cabelo invulgar. Era raro, naquelas paragens, uma mulher ter o cabelo assim. Tão comprido e de um castanho tão escuro, quase preto.

Margrét puxou os cobertores até ao queixo, enquanto o homem ressonava incessantemente. Poder-se-ia pensar que se aproximava uma avalanche, pensou, irritada. Sentia-se cansada e tinha o peito pesado de muco.

Imagens da mulher aglomeravam-se por trás das pálpebras fechadas de Margrét. A maneira animalesca como Agnes bebera da caçarola. A sua incapacidade para se despir sozinha. Puxara desastrosamente as fitas, pois não podia dobrar os dedos, de tão inchados. Margrét tivera de a ajudar, esmigalhando com as pontas dos dedos a lama seca do vestido de Agnes, para desfazer os laços. Nos limites da pequena cozinha enfumurada, o cheiro das roupas e do corpo rançoso de Agnes tinham sido o suficiente para lhe provocar ânsias de vómito. Sustivera a respiração enquanto arrancava a lâ fétida do corpo de Agnes, e virara a cabeça quando o vestido tombara daqueles ombros estreitos e caíra no chão, levantando grãos de lama seca.

Margrét recordou as omoplatas de Agnes. Afiadas, saindo do tecido grosseiro da sua roupa interior, amarelada em torno da gola e manchada de um castanho repugnante nas axilas.

Teria de queimar toda a roupa da mulher antes do pequeno-almoço. Deixara-a num canto da cozinha, pois não queria levá-la para o *badstofa*. Pulgas arrastavam-se sobre o tecido.

Nem sabia bem como, conseguira lavar a maior parte da sujidade do corpo da criminosa. Agnes tentara lavar-se sozinha, percorrendo sem força os membros com o trapo húmido, mas a porcaria estava há tanto tempo na sua pele que parecia incrustada nos poros. Finalmente, Mar-



grét, arregaçando as mangas e cerrando os dentes, tirara-lhe o trapo das mãos e esfregara-a até o pano ficar imundo. Enquanto a lavava, Margrét procurara — contra a sua própria vontade — as marcas que Lauga julgara que seriam evidentes, os sinais da assassina. Apenas os olhos da mulher tinham um vestígio qualquer. Pareciam diferentes, achou Margrét. Muito azuis e muito claros, mas de um tom demasiado pálido para serem considerados bonitos.

O corpo da mulher era um terreno de abuso. Até Margrét, acostumada a feridas, aos inevitáveis males causados pelo trabalho duro e pelos acidentes, ficara chocada.

Talvez tivesse esfregado a pele de Agnes com demasiada força, pensou Margrét, enterrando a cabeça debaixo da almofada num esfoço para deixar de ouvir os gargarejos do oficial. Algumas feridas tinham aberto e sangrado. A visão do sangue fresco proporcionara a Margrét uma satisfação secreta.

Também obrigara Agnes a lavar o cabelo. A água da caçarola estava demasiado suja, e Margrét pedira a um dos homens que fosse buscar mais ao regato da montanha. Enquanto esperavam, untara as feridas da mulher com uma pomada feita de enxofre e banha.

— É uma mezinha do Natan Ketilsson — dissera, lançando um olhar para perceber a reação da mulher. Agnes não respondera, mas Margrét julgou ver os músculos do seu pescoço ficarem tensos. — Que Deus lhe tenha a alma em descanso — acrescentara num murmúrio.

Com o cabelo de Agnes lavado o melhor possível na água gelada e a maior parte das feridas tratadas com banha, Margrét entregara-lhe a roupa interior e de cama de Hjördis. A roupa interior com que Agnes dormia agora era a que a criada vestira ao morrer. Margrét suspeitou que não faria diferença se ainda houvesse alguma possibilidade de contágio, pois a nova proprietária da roupa também não tardaria a morrer.

Era tão estranho imaginá-lo: dentro de pouco tempo, a mulher que dormia numa cama a três metros dela estaria enterrada.

Margrét suspirou e voltou a sentar-se na cama. Agnes ainda não se mexera. O homem continuava a rressonar. Margrét viu-o levar uma mão à virilha e coçar sonoramente. Desviou os olhos, divertida e um pouco irritada por aquele homem ser a sua única proteção.

Seria melhor levantar-se e preparar qualquer coisa para o pequeno-almoço dos homens. Talvez *skyr*. Ou peixe seco. Não sabia se tinha

manteiga suficiente para gastar, nem quando os criados voltariam de Reykjavík com as provisões.

Desatando a touca de dormir, lançou um último olhar à mulher adormecida.

O coração saltou-lhe para a boca. No recanto obscuro do *badstofa*, Agnes, deitada de lado, observava-a silenciosamente.

## CAPÍTULO TRÊS

**Diz-se do crime** que Fridrik Sigurdsson, com a ajuda de Agnes Magnúsdóttir e Sigrídur Gudmundsdóttir entraram em casa de Natan Ketilsson perto da meia-noite e esfaquearam e espancaram até à morte Natan e Pétur Jónsson, que estava ali de visita, com uma faca e um martelo. Então, devido ao sangue derramado e às marcas evidentes nos corpos, queimaram-nos, ateando fogo à quinta, para que o seu trabalho malévolo não fosse óbvio. Fridrik cometeu esta maldade por ódio a Natan e desejo de roubar. Os homicídios acabaram por ser descobertos. O Comissário Distrital desconfiou e, quando os corpos meio-queimados foram encontrados, acreditou que aqueles três tinham agido em conjunto.

### **Dos Julgamentos do Supremo Tribunal de 1829**

Nunca sonhava na arrecadação em Stóra-Borg. Enrolada nas tábuas com uma pele de cavalo malcheirosa para me aquecer, o sono atingia-me como uma maré fina. Lambia-me o corpo, mas nunca me submergia no oblívio. Havia sempre algo que me acordava — o som de passos ou o arranhar do bacio no chão quando uma criada ia despejá-lo, o fedor intoxicante da urina. Por vezes, se ficasse deitada, imóvel, com os olhos firmemente fechados, e arrancasse da minha cabeça todos os pensamentos, o sono voltava. A minha mente entrava e saía do estado de consciência até o mais fino feixe de luz penetrar no quarto e as criadas me arremessarem um pouco de peixe seco. Alguns dias pensava que não voltara a dormir a sério desde o incêndio e que talvez a falta de sono fosse um castigo de Deus. Ou mesmo de Blöndal: os meus sonhos tinham sido confiscados, juntamente com as minhas coisas, para pagar a minha custódia.

Porém, na noite passada, aqui em Kornsó, sonhei com Natan. Ele fervia ervas para uma beberagem e eu observava-o, esfregando as mãos na parede de turfa da forja. Era verão e a luz estava tingida de cor-de-rosa. As ervas para a bebida emanavam um cheiro intenso, que me rodeava. Inspirei o aroma agridoce, sentindo uma lenta vaga de felicidade crescer sobre mim. Finalmente, partira do vale. Natan virou-se e sorriu. Segurava uma proveta de vidro cheia de espuma que obtivera das ervas ferventes, da qual se erguia vapor. Parecia um feiticeiro, com as peúgas pretas de lã e o fumo a erguer-se da sua mão. Natan deu um passo para a poça de luz e eu abri os olhos para ele, rindo, sentindo que era capaz de morrer de amor, mas, quando o fiz, a proveta escorregou-lhe das mãos e estilhaçou-se no soalho, e a escuridão caiu sobre a sala como óleo.

Não sei bem se dormi depois desse sonho.

Natan está morto.

Acordo todas as manhãs com um sopro de mágoa dentro do coração.

A única coisa que posso fazer é voltar a submergir a cabeça, voltar ao sonho, ao momento dourado que me envolveu antes de a proveta se

quebrar. Ou imaginar Brekkukot, quando a Mamma estava comigo. Se me concentrar, consigo vê-la a dormir na cama ao lado da minha, e Jóas, o pequeno Jóas, a coçar as mordidas das pulgas. Eu uso a unha para as esmagar no polegar.

Mas as memórias que evoco são frias. Sei o que sucede depois de Brekkukot. Sei o que acontece à Mamma e ao Jóas.

Quando abro os olhos, vejo Margrét deitada, mas acordada, na sua cama. Ela mexe-se e vira-se, puxando distraidamente o cobertor. Tem a touca de dormir um pouco solta e posso ver o seu cabelo grisalho repuxado na cabeça e torcido em tranças firmes, mesmo quando repousa. Quase lhe consigo distinguir os contornos do crânio.

O seu rosto é uma mancha, meio escondido pelo cobertor que puxou para cima. Ela vira-se para examinar o oficial adormecido no divã, do outro lado do quarto.

Este ressona e a senhora da quinta estala a língua, reprovadora. Eu ouço-te, velhota. Já estás farta? Experimenta um ano com eles, com a dureza das suas mãos e dos seus olhares.

As algas secas da sua almofada restolham quando ela vira a cabeça. Vê-me. Inspira rapidamente e leva uma mão ao coração.

Eu devia ter sido mais cuidadosa. Nunca sejas apanhada a olhar para alguém. As pessoas pensam que queres algo delas.

— Estás acordada. Ainda bem. — A dona da casa alisa o cabelo na testa e olha-me por um momento, incerta, talvez, sobre há quanto tempo a observo. — Levanta-te — diz-me.

Obedeço. As tábuas do soalho estão frias sob os meus pés.

Margrét entrega-me um vestido azul de criada e vestimo-nos em silêncio. Ela mantém um olho nervoso no homem que ressona. Enfio o vestido grosseiro pela cabeça e observo o quarto. Há outras pessoas adormecidas em camas. Talvez sejam criadas. Não há tempo para descobrir quem possam ser — Margrét conduz-me pelo escuro e húmido corredor, parando apenas para arrancar um pedaço de turfa que se soltou e está desfiado, pendendo de uma viga.

— Está tudo a desfazer-se — murmura.

Ela anda demasiado depressa e não tenho tempo para espreitar os outros quartos. Não é uma casa grande, mas lembro-me, da minha primeira vez aqui, de uma arrecadação para barris, e daquele quartinho ali, com os baldes e as panelas e um tabuleiro de ordenha, deve ser a leitaria,

ou talvez o tenham transformado numa despensa. Passamos pela cozinha. As minhas roupas de Stóra-Borg estão amontoadas num canto.

Lá fora, já está um dia bonito. A erva está molhada da chuva da noite e as suas folhas brilham à luz do Sol nascente. Há um vento fresco que faz ondular as poças do pátio. Agora reparo nas pequenas coisas.

— Como podes ver... — começa Margrét, interrompendo-se quando tropeça num pedaço de madeira caído da pilha de lenha no exterior da casa. — Como podes ver, há muito trabalho a fazer nesta casa.

Foram as primeiras palavras que disse desde que me mandou vestir. Não digo nada e mantenho os olhos baixos. Noto que a bainha da sua saia está manchada por muitos anos a arrastar no chão.

Margrét está muito direita e põe as mãos nas ancas, como se quisesse parecer maior. Tem as unhas roídas até ao sabugo.

— Não esconderei o meu desagrado em relação a ti. Não te quero na minha casa. Não te quero perto das minhas filhas.

Aqueles corpos adormecidos eram as filhas.

— Fui obrigada a alojar-te aqui, e tu... — Hesita um pouco. — Tu és obrigada a ficar.

Temos os ombros tensos contra o vento matinal, que nos chicoteia os vestidos de encontro às pernas. Quando eu era pequena, a minha mãe adotiva, Inga, ensinou-me a espalhar o tecido da minha saia contra o vento e fazer de conta que tinha asas. Dava a sensação de voar. Um dia, dizia-me ela, o vento levantar-me-ia e eu seria soprada ao longo do seu caminho, e toda a gente no vale olharia para cima e veria a minha deslocação. Eu ria-me.

— O meu marido, Jón, está em Hvammur, mas volta esta manhã. Os criados voltarão a qualquer momento, para começar o corte do feno. Não suportarei más condutas. Não sei o que fizeste em Stóra-Borg, mas deixa que te diga, aqui não terás oportunidade de te aproveitares de nós.

Ela não sabe nada.

— Então. — Ela pousa as mãos firmemente na cintura. — Pelo que sei, antes tinhas uma posição de serviçal... — Detém-se.

Antes de quê? Antes de Natan Ketilsson e Pétur Jónsson terem os crânios esmagados com um martelo?

— Sim, minha senhora.

Assusta-me ouvir a minha própria voz. Parece que foi há uma eternidade que falei livremente pela última vez.

— Eras criada? — A mulher não me ouviu por causa do vento.

— Sim, criada. Desde os quinze anos. Antes disso, prestava serviços. Ela mostra-se aliviada.

— Sabes fiar e fazer malha, cozinhar e tratar dos animais? Era capaz de o fazer a dormir.

— Sabes manejar uma faca?

Sinto um arrepio no estômago.

— Perdão, minha senhora?

— Sabes cortar feno? Sabes usar uma foice? Sabes lá quantas criadas nunca cortaram erva em toda a vida. Compreendo que não seja habitual nestes tempos as mulheres ceifarem, mas somos uma quinta com poucas mãos e...

— Sei usar uma foice.

— Ainda bem. Então, pelo que me diz respeito, deves trabalhar para o teu sustento. Sim, deves pagar pelo meu transtorno. Não tenho serventia para uma criminoso, apenas para uma criada.

Criminoso. A palavra fica suspensa no ar. Pesada, não varrida pela força do vento.

Quero abanar a cabeça. Aquela palavra não me pertence, quero dizer. Não se encaixa em mim, nem naquilo que sou. É outra palavra, e pertence a outra pessoa.

Mas de que serve protestar contra a linguagem?

Margrét aclara a garganta.

— Não tolerarei violência. Nem preguiça. Qualquer ousadia, qualquer pisar de linha, qualquer ociosidade, roubo ou esquema, corro contigo daqui. Arrasto-te da minha quinta pelos cabelos, se assim tiver de ser. Estamos esclarecidas?

Não espera pela minha resposta. Sabe que não tenho escolha.

— Vou mostrar-te o gado. Eu ordenho as ovelhas e as vacas, enquanto tu...

Desvia o olhar de mim, para a quinta mais próxima, do outro lado do vale. Algo lhe prendeu a atenção.

**S**næbjörn, o agricultor de Gilsstadir, subia a encosta do vale. Acompanhava-o um dos seus sete filhos, Páll, que esse verão estava encarregue de pastorear os carneiros de Kornsó. Tentando

caminhar a par, vinha a sua mulher, Róslín, com duas das filhas mais pequenas a reboque.

— Deus me ajude — murmurou Margrét. — Aí vem o rebanho. — De súbito, pegou no braço de Agnes. — Vai para dentro — sussurrou. Puxou a mulher para trás da casa e empurrou-a na direção da porta. — Vai para dentro, já.

Agnes hesitou na ombreira, olhando para Margrét, antes de desaparecer na escuridão da casa.

— *Sæl og blessuð* — gritou o vizinho. Era um homem alto e robusto, com bochechas vermelhas e cabelo louro e sem brilho que lhe pendia para os olhos. — Belo tempo!

— É verdade — respondeu Margrét secamente. Aguardou que ele se aproximasse. — Vejo que tu e o Páll me trazem visitas.

Snæbjörn mostrou um sorriso humilde.

— A Róslín insistiu em vir. É que ela ouviu falar da tua... enfim, da tua infeliz situação. Diz que quer confirmar que estás bem.

— Que simpática — disse Margrét entre dentes.

Róslín aproximara-se.

— Que belo tempo! — gritou infantilmente, esticando um braço no ar. — Esperemos que se mantenha durante o corte do feno. Bom-dia, Margrét!

A mulher de Snæbjörn estava grávida do décimo primeiro filho; a barriga estendia-se diante dela, erguendo-lhe a frente do vestido e revelando tornozelos inchados, molhados do orvalho matinal. O seu rosto largo estava corado pelo esforço da caminhada e ela ofegava, com os seios a arfar por cima da barriga redonda.

— Pensei vir com o Snæbjörn e o Páll até aqui, e fazer-te uma visita. — A filha de cinco anos avançou aos tropeções por cima de um tufo de erva e ofereceu uma travessa tapada a Margrét. — Pão de centeio — anunciou Róslín. — Pensei que te apeteceria um mimo.

— Obrigada.

— Oh, meu Deus, venho sem fôlego. Estou demasiado velha para este estado, mas eles continuam a vir. — Róslín bateu alegremente na barriga.

— De facto — respondeu Margrét acremente.

Snæbjörn tossiu e desviou o olhar de Róslín para Margrét.

— Bem, nós, os homens, é melhor deitarmos mãos ao trabalho. O Jón está por aí, Margrét?



— Está em Hvammur.

— Certo. Bem, vou pôr o Páll a trabalhar e dar um jeito naquela foice, se não te importas que entre na forja. — Virou-se para a mulher e as filhas. — Não demores muito a Margrét, está bem, Róslín? — Sorriu brevemente a ambas, deu meia-volta e começou a andar com passadas longas e regulares, empurrando gentilmente o rapaz diante dele.

Róslín riu-se assim que ele ficou demasiado longe para a ouvir.

— Homens! Não podem estar quietos. Vai brincar com a tua irmã, Sibba. Não se afastem muito. — Róslín empurrou as filhas para fora do carreiro e deu uma olhadela à quinta enquanto falava, como se procurasse alguém. Margrét apoiou o prato de pão de centeio na anca. O seu aroma doce, misturado com o cheiro quente e húmido de Róslín, fê-la sentir-se enjoada. Teve um ataque de tosse que lhe sacudiu tão violentamente o corpo que Róslín teve de segurar o prato antes que este caísse para a relva.

— Então, Margrét. Respira com calma. Ainda não estás melhor?

Margrét esperou que o espasmo passasse, depois cuspiu uma massa viscosa para a relva.

— Estou bastante bem. É só uma tosse de inverno.

Róslín riu-se nervosamente.

— Mas estamos no pino do verão.

— Estou bem — afirmou Margrét com brusquidão.

Róslín lançou-lhe um olhar de exagerada piedade.

— Claro, se tu o dizes. Mas, de facto, foi por isso que vim hoje. Estou um pouco apreensiva contigo.

— Oh — murmurou Margrét. — Porquê?

— Bem, o teu peito fraco, claro, e também alguns rumores que ouvi nas últimas semanas. Tudo disparates, certamente, mas mesmo assim...

— Róslín inclinou a cabeça para o lado e o seu rosto gordo abriu-se num sorriso com covinhas. — Mas olha só, estou a precipitar-me sem sequer te perguntar se estás ocupada. — Por cima do ombro de Margrét, espreitou a casa, pondo uma mão na testa para proteger os olhos do sol. — Espero não estar a interromper. Pareceu-me ver aqui mais alguém. Uma mulher de cabelo preto. É uma visita? — Róslín adotou uma expressão de polida indiferença.

Margrét suspirou, exasperada.

— Tens bons olhos, Róslín.

— Oh, se calhar é a Ingibjörg? — perguntou Róslín erguendo uma sobrancelha. — Nesse caso vou-me embora, para deixar as duas amigas em paz.

Margrét combateu o desejo de revirar os olhos.

— Não.

— Claro que não, é demasiado cedo para uma visita dela — concordou Róslín, piscando os olhos. — Uma nova criada? Precisas de toda a ajuda possível para o feno.

— Bem, não exatamente...

— Uma parente, então... — prosseguiu Róslín, aproximando-se um passo.

Margrét suspirou. Pigarreou, percebendo que não podia esquivar-se ao interrogatório de Róslín.

— A mulher que viste foi colocada aqui pelo comissário distrital Björn Audunsson Blöndal.

— A sério? Que estranho. Para quê?

— Chama-se Agnes Magnúsdóttir. É uma das criadas condenadas pelos assassinatos de Natan Ketilsson e Pétur Jónsson, e está connosco sob custódia, até à data da execução. — Margrét cruzou os braços com força sobre o peito e olhou provocadoramente para Róslín.

Esta soltou uma exclamação e pousou a travessa no chão, para melhor poder demonstrar o seu horror.

— Agnes! A de Agnes e Fridrik? Os assassinos de Natan Ketilsson! — Levou as mãos às bochechas coradas e fixou Margrét de olhos arregalados. — Mas, Margrét, foi por isso mesmo que vim. A Ósk Jóhannsdóttir disse que tinha falado com a Soffia Jónsdóttir, cujo irmão, Jóhann, trabalha numa quinta em Hvammur, e ela contou que o Blöndal decidira retirar a Agnes de Stóra-Borg porque não podiam correr o risco de uma família tão importante ser chacinada...

Róslín interrompeu-se, dando-se conta do seu erro. Margrét cerrou os lábios e fitou-a.

— Oh, Margrét, eu não queria dizer... — As suas bochechas redondas coraram.

— Sim, Róslín, é verdade que Blöndal colocou a assassina na nossa casa, e que nem eu nem o Jón fomos tidos nem achados na decisão. Mas as razões das suas decisões, apenas Blöndal as conhece.

Róslín acenou enfaticamente com a cabeça.

— Claro. A Ósk é uma bisbilhoteira terrível.

— Pois.

Róslín continuava a abanar a cabeça, depois deu um passo em frente e pousou uma mão no ombro de Margrét.

— Tenho tanta pena de ti, Margrét.

— Porquê?

— Bem, por teres de manter uma assassina sob o teto da tua família! Por seres obrigada, todos os dias, a olhar para o seu rosto hediondo! Pelo medo que, certamente, te inspira, pela pessoa boa que és, assim como o teu marido e as tuas pobres filhas!

Margrét fungou.

— O rosto dela não é assim tão hediondo — disse, mas Róslín não a ouvia.

— Por acaso, sei bastante acerca do caso, Margrét, e deixa-me avisar-te, ouvi coisas diabólicas acerca dos três malvados que tiraram a vida aos bondosos Natan Ketilsson e Pétur Jónsson!

— Bondoso não é uma palavra que muita gente escolhesse para descrever o Natan e o Pétur.

— Oh, mas eles eram bons! Cometeram erros, claro...

— O Pétur cortou a garganta a trinta carneiros, Róslín. Era um ladrão.

— Mas não deixavam de ser islandeses nobres. Oh, e pensar na família do Natan! O irmão, Gudmundur, e a mulher e todos os seus filhinhos. Foram para Illugastadir, sabes, para consertar a casa e a oficina do Natan.

— Róslín, se é que ouvi bem, o Natan passou mais tempo nas camas de mulheres casadas que na sua oficina de Illugastadir!

Róslín ficou abalada.

— Margrét?

— É só que... — Margrét hesitou e virou-se, olhando para a entrada da casa. — Nada é simples — murmurou finalmente.

— Não acreditas que eles mereciam morrer, pois não?

Margrét riu-se desdenhosamente.

— Claro que não!

Róslín observou-a com cautela.

— Sabes que ela é culpada, não sabes?

— Sim, sei que é culpada.

— Ainda bem. Nesse caso, deixa que te diga que seria melhor te-

res cuidado quando estás de costas. Lembra-me lá outra vez o nome dela...

— Agnes — replicou Margrét, docemente. — Tu sabes, Róslín.

— Pois, Agnes Magnúsdóttir, essa mesma. Tem cuidado. Sei que não podes fazer muito, mas pede ao comissário distrital um guarda que a vigie. Mantém-na de mãos atadas! O povo diz que a Agnes é a pior dos três condenados. O rapaz, Fridrik, foi influenciado por ela, e ela obrigou a outra rapariga a vigiar, amarrando-a à porta para não fugir! — Róslín avançou um passo e aproximou o rosto do de Margrét. — Ouvi dizer que foi ela que esfaqueou o Natan dezoito vezes. Uma vez e outra e outra!

— Foram dezoito vezes? — murmurou Margrét. Desejava ardentemente que Snæbjörn voltasse, para levar a mulher.

— No estômago e na garganta. — O rosto de Róslín estava corado de excitação. — E... oh, que Deus nos abençoe, até no rosto. Ouvi dizer que lhe espetou a faca num *olho*. Picou-o como uma gema de ovo! — Róslín apertou com força o ombro de Margrét. — Se fosse a ti, não conseguiria pregar olho com ela no mesmo quarto! Preferia dormir no estábulo a arriscar-me assim. Oh, Margrét, mal posso acreditar que os rumores eram verdadeiros! Assassinos à nossa porta. Esta paróquia está perdida. Pior que certas coisas que se ouvem de Reykjavík. E *ela* encontra-se, neste momento, no preciso sítio em que as minhas filhas brincam. Até me dá arrepios. Olha para os meus braços, estou toda pele de galinha. Margrét, minha pobrezinha, como consegues lidar com isso?

— Conseguirei — declarou Margrét bruscamente, dobrando-se para apanhar o prato de pão de centeio.

— Será? E onde está o Jón, para te proteger?

— Em Hvammur, com o Blöndal, como disse.

— Margrét! — Róslín lançou as mãos para cima. — É uma maldade do Blöndal deixar-te, e às raparigas, sozinhas com esta mulher. Olha, *eu* fico contigo.

— Não farás nada disso, Róslín — respondeu Margrét com firmeza. — Mas agradeço a tua preocupação. Agora, detesto mandar-te embora, mas as ovelhas não se ordenham sozinhas.

— Posso ajudar? — perguntou Róslín. — Deixa-me pegar nesse pão e levar-to para dentro.

— Adeus, Róslín.

— Talvez, se eu a visse, pudesse avaliar o teu perigo. O nosso perigo! Quem pode evitar que ela ande por aí à noite?

Margrét segurou Róslín pelo cotovelo e virou-a na direção de onde viera.

— Obrigada pela tua visita, Róslín, e obrigada pelo pão de centeio. Tem cuidado aí, não tropeces.

— Mas...

— Adeus, Róslín.

Róslín olhou para trás, na direção da casa, esboçou um sorriso e tropeçou pesadamente de volta a Gilsstadir. As meninas foram tropeçando atrás dela. Margrét ficou parada, segurando a travessa de pão de centeio, e observou-as até não serem mais que pontinhos à distância, depois agachou-se e tossiu até a sua língua ficar escorregadia. Cuspiu copiosamente sobre a relva. Pôs-se de pé lentamente, virou-se e encaminhou-se para casa.

Quando cheguei ao *badstofa*, vi que o oficial que ali dormira já se fora embora. Fora certamente juntar-se aos amigos; ouço homens falarem uma mistura de dinamarquês e islandês do outro lado da janela. Não devem ter visto a senhora empurrar-me para dentro. As duas filhas adormecidas também desapareceram. Estou sozinha.

*Estou sozinha.*

Não há um olho vigilante, um guarda na porta, uma corda, grilhetas, cadeados, e estou sozinha, desamarrada. Fico paralisada com a ideia desse facto. Com certeza, haverá alguém a espreitar pelo buraco da fechadura? Com certeza alguém comprimiu o corpo de encontro a uma fenda na parede e aguarda para ver o que vou fazer, esperando para irromper no quarto com um dedo apontado, como uma faca, à minha garganta.

Mas não há ninguém. Não há *vivalma*.

Encontro-me no centro do quarto e deixo os meus olhos acostumarem-se à penumbra. Sim, estou sozinha e um tremor de júbilo perpassa-me a pele, como o tremor à superfície de uma panela de água prestes a ferver. Neste minuto, posso fazer qualquer coisa: posso examinar a casa ou deitar-me, falar alto ou cantar. Posso dançar, praguejar ou rir, e ninguém saberá.

Posso fugir.

Uma bolha de medo sobe-me pela espinha. É a sensação de estar de pé, no gelo, e de repente ouvirmos um estalido sob o nosso peso — ao mesmo tempo excitante e aterrorizador. Em Stóra-Borg eu sonhava fugir. Encontrar as chaves das minhas algemas e fugir — nunca pensei aonde iria. Nunca houve uma oportunidade. Contudo, aqui, neste momento, podia sair furtivamente do pátio e correr pelo extremo do vale, longe das quintas, esperar e fugir a coberto da noite para as terras altas, onde o céu me cobriria com a sua mão áspera e cinzenta. Podia fugir para a charneca. Mostrar-lhes que não podem manter-me trancada, que sou uma ladra do tempo e roubarei as horas que me negaram!

Grãozinhos de poeira flutuam na luz que entra pela membrana seca fixada na janela. Enquanto os observo, a excitação da fuga desvanece-se, como água por um géiser. Estaria apenas a trocar uma sentença de morte por outra. Lá em cima, as tempestades de neve uivam como viúvas de pescadores e o vento empola-nos a pele da cara. O inverno chega como um murro no escuro. Os lugares desabitados são tão cruéis como qualquer carrasco.

Os meus joelhos estão fracos enquanto cambaleio até à minha cama. De olhos fechados, o silêncio da sala comprime-me como uma mão.

Quando o bater do meu coração abranda, olho para o sítio onde o homem dormiu, a colcha torcida e o colchão gasto à mostra. Ele devia ter mudado a cabeceira da cama — terá má sorte. Talvez, se a cama ainda estiver quente, ele esteja perto. Parece intrusivo tocar no colchão nu, mas está frio. Ele partiu. A minha cama está feita. Percorro com as mãos o cobertor fino, gasto e amaciado pelo uso. Quantos outros corpos dormiram ali, antes do meu? Quantos pesadelos se produziram debaixo deste pano?

O chão é de tábuas, mas as paredes e o teto não, e a turfa precisa de reparação; blocos de porcaria seca caíram ou perderam consistência, deixando fissuras na parede e o quarto presa das correntes de ar. Será frio, no inverno.

Mas, antes disso, poderei estar morta.

Depressa! Repele esse pensamento.

Ervas mortas estão suspensas do teto, como cabelos por lavar. Algumas esculturas ornamentais foram dispostas ao longo das traves e há uma cruz pregada no lintel por cima da entrada.

Cantarão aqui hinos no inverno? Talvez, em vez disso, recitem as

sagas — eu prefiro uma história a uma oração. Uma vez açoitaram-me por causa disso nesta quinta, Kornsó, quando eu era pequena e me acolheram para vigiar os campos. O agricultor Björn não gostou que eu conhecesse as sagas melhor do que ele. É melhor ficares na companhia dos carneiros, Agnes. Os livros escritos pelos homens e não por Deus são amigos desleais e não são para os da tua espécie.

Teria acreditado nele, se não fosse pela minha mãe adotiva, Inga, e as lições que me deu, transmitidas em sussurros enquanto ele dormitava ao serão.

Perto da entrada, junto da cama da senhora, há uma cortina de lã cinzenta que foi pregada a uma ripa. Suponho que sirva de porta para o quarto do outro lado. A cortina está curta e no espaço por cima do chão vejo as pernas de uma mesa. Estão ligeiramente lascadas, como se alguém as tivesse roído.

O *badstofa* está quase tão nu como estava há tantos anos, embora pequenas tábuas tenham sido fixadas entre as traves inclinadas e os suportes da parede, para servirem de prateleiras. Contêm as coisas habituais — caixas de madeira, chifres de carneiro, um cachimbo, espinhas de peixe, luvas e agulhas de malha. Há um pequeno baú pintado debaixo de uma das camas. Um chinelo abandonado que precisa de conserto. A familiaridade dos objetos quotidianos pode ser reconfortante. Outrora, eu tive coisas destas. O meu saco branco com as flores secas. A pedra que a mãe me deu antes de partir. Dar-te-á sorte, Agnes. É uma pedra mágica. Põe-na debaixo da língua e serás capaz de falar com os pássaros.

A pedra ficou na minha boca durante dias. Se os pássaros compreenderam as minhas perguntas, nunca se deram ao trabalho de lhes responder.

Kornsó, no Distrito de Húnavatn. Fui entregue à sua porta quando tinha seis anos, com um beijo e uma pedra da Mamma, e fui arrastada outra vez para cá, depois de trinta e três invernos, por causa de dois homens mortos e um incêndio. Trabalhei em mais quintas do Norte do que era suposto. Mas a pobreza devasta estas casas até parecerem todas a mesma, e todas têm em comum a ausência de coisas que ali deviam estar. É como se tivesse vivido toda a vida no mesmo sítio.

Então, as coisas são assim. Kornsó, a minha última esquina sombria. A última cama, o último teto, o último chão. O último tudo provoca-me estremecimentos de dor, como se não restasse nada a não ser fumo das

lareiras abandonadas. Devo fingir que ainda sou uma criada e que estes são os meus novos aposentos, e devo pensar em todas as tarefas que executarei, e como provocarei na minha patroa comentários acerca da destreza dos meus dedos. Costumava pensar que, se trabalhasse arduamente, um dia tornar-me-ia senhora de uma casa. Mas não aqui. Não em Kornsó.

Kornsó. A palavra tropeça sobre si própria uma e outra vez na minha mente, por isso devo dizê-la muito calmamente, em voz alta, e sentir o seu som. Digo a mim mesma que é só mais uma quinta, e entoo suavemente os nomes de todos os lugares em que vivi. É como um encantamento: Flaga, Beinakelda, Litla-Giljá, Brekkukot, Kornsó, Gudrúnarstadir, Gilststadir, Gafl, Fannlaugarstadir, Búrfell, Geitaskard, Illugastadir.

Entre todos os nomes, um é um engano. Um é um pesadelo. O degrau que falhamos no escuro.

O nome é tudo o que correu mal. Illugastadir, a quinta junto do mar, onde no ar suave ecoa o som metálico da forja, o grito das gaivotas, e as focas reboam na sua gordura. Illugastadir, onde a noite é iluminada por fogo, onde o fumo volta de manhã, muito cedo, para engolir as estrelas e, em escombros, sempre Illugastadir, aninhando corpos mortos na sua gaiola de traves queimadas.

Lá fora, os oficiais rompem em gargalhadas. Um deles fala do primo rico que vive em Helgavatn.

— Vamos parar lá e aliviá-lo do brande! — sugere um.

— Sim! E também da mulher e das filhas! — grita outro. Riem novamente.

Ficará aqui alguém, para garantir que não fujo? Para se assegurar que não acendo as candeias, não vá derramar a chama no chão? Assegurar que mantenho as mãos limpas, a língua quieta, as pernas fechadas e os olhos baixos.

Neste momento, sou propriedade da Coroa.

Espero que partam todos hoje.

Enquanto me esforço por ouvir a conversa dos homens, reparo que algo foi escondido debaixo da cama que está em frente da minha, algo brilhante. É um broche de prata, uma coisa estranha para ter num quarto tão despojado de luxos. Terá sido roubado? Não seria tão estranho neste vale, onde as pessoas são capazes de apanhar carneiros e cortar as marcas das suas orelhas antes de o rebanho se dispersar e os homens



deixam crescer as unhas para melhor apanharem as moedas. Há, nestas paragens, muitos agricultores e criados dados à ladroagem, que sentiram o chicote da lei. O próprio Natan ostentava as cicatrizes do seu recontro juvenil com o pau de vidoeiro.

Pego no broche. É inesperadamente pesado.

— Larga isso. — Uma jovem esguia está parada, com as pernas afastadas e os braços erguidos. — É meu.

Solto o broche e ambas estremeçemos quando este bate no chão. A rapariga é pequena e de ossos finos, com pálpebras pálidas sobressaindo do azul-escuro dos olhos. Um lenço cobre-lhe a cabeça e tem um pequeno alto no nariz.

— Steina! — A rapariga não se mexeu, apenas me observa da soleira da porta. Acho que tem medo de mim.

Outra rapariga atravessa a ombreira. Deve ser a irmã, mas é mais alta, de olhos castanhos e a pele do nariz salpicada de sardas.

— A Róslín e os miúdos estão... — Detém-se ao ver-me.

— Ela estava a mexer no meu presente de Confirmação.

— Pensava que a Mamma a tinha levado para fora.

— Também eu.

Fitaram-se.

— Mamma! Mamma! Vem cá.

Margrét entra, limpando a boca. Vê o broche de prata no chão, aos meus pés, e empalidece. Abre a boca.

— Apanhei-a a mexer-lhe, Mamma.

Margrét fecha os olhos e passa uma mão pelos lábios, como se sentisse dor. Queria tocar-lhe no braço. Queria dar-lhe confiança. Ela vem direita a mim, furiosa, e ouço a bofetada antes de a sentir. Um estalido seco. Um formigueiro de dor.

— Que te disse eu? — grita. — Não tocarás em nada nesta casa! — Respira pesadamente, com a mão apontada à minha cara. — Considera-te feliz por eu não comunicar esta incidente.

— Não sou uma ladra — digo.

— Não, és uma assassina. — É a rapariga de olhos azuis quem cospe as palavras, com covinhas nas bochechas. O lenço escorregou-lhe e um caracol de cabelos louros-claros cai-lhe para a testa. Tem as faces coradas.

— Lauga — avisa Margrét —, leva a Steina e vão para a cozinha.

Elas partem. Margrét segura-me a manga.

— Segue-me — diz, arrastando-me para fora do quarto. — Podes provar o teu arrependimento trabalhando como um cão.

O reverendo Tóti acordou às primeiras horas da manhã e não conseguiu voltar a adormecer. Naquele dia esperavam-no novamente em Kornsó. Depois de, relutantemente, se levantar e vestir, saiu para o ar frio e limpo da manhã e começou a realizar algumas tarefas na quinta e na igreja. Reuniu o pequeno rebanho de ovelhas, pertença do seu pai, e mungiu-as com um cuidado exagerado, sussurrando-lhes e tratando-as pelo nome, acariciando-lhes as orelhas peludas.

O meio da manhã chegou e passou e o Sol sangrava no firmamento. Tóti alimentou e cuidou da sua vaca, *Ýsa*, e começou a tirar a roupa lavada do muro da igreja, onde o pai a estendera a secar.

— Não precisas de fazer isso — disse o reverendo Jón, saindo de casa.

— Não me importo — respondeu Tóti, sorrindo. Arrancou uma semente que se prendera a uma meia.

O pai encolheu os ombros.

— Pensei que já estivesse a caminho de Vatnsdalur.

Tóti fez uma careta.

— Porque estás a tratar da roupa, quando tens de a ir visitar?

Tóti fez uma pausa e olhou para o reverendo Jón, que sacudia um par de calças ao vento.

— Não sei o que lhe dizer — explicou ele, e interrompeu-se. — Tu, que lhe dirias?

O pai deu-lhe uma palmada no ombro com a sua mão dura e olhou-o fixamente.

— Põe-te a caminho — ordenou. — Quem disse que precisas de dizer alguma coisa? Vai.

Margrét conduz-me através do pátio, onde me mostra o pequeno talhão de ligústico e angélica, e depois ajuda-a a mungir as ovelhas. Acho que ela não volta a ter confiança para me deixar sozinha. O rapazinho que chegara antes já reunira os animais. Margrét

aponta-o e diz-me que se chama Páll, mas não nos apresenta e o rapaz não se abeira de mim, embora me fite boquiaberto.

Depois queimamos o meu vestido.

Fi-lo há dois anos. Eu e a Sigga fizemos um vestido cada uma, um vestido de trabalho, simples, com o tecido azul que Natan nos dera.

Se eu soubesse que o vestido que eu própria fiz seria a única coisa a aquecer-me num quarto que tresandava a pele rançosa! Se eu soubesse que esse vestido um dia seria envergado de noite, à pressa, para se encharcar de suor enquanto eu corria através da hora das bruxas para Stapar, gritando como se quisesse acordar os mortos!

Margrét dá-me um pouco de leite quente da cuba, e depois vamos para a cozinha, onde as filhas estão a acender a lareira com estrume. Encolhem-se de encontro à parede quando eu entro.

— Tira a chaleira do gancho, Steina — diz Margrét à rapariga feia. Depois junta as minhas roupas imundas que estavam a um canto e tira-as para o lume sem qualquer cerimónia.

— Já está. — Parece satisfeita.

Observamos o vestido de lã a arder até os nossos olhos ficarem embaciados com o fumo e Margrét tossir, e sermos obrigadas a ir trabalhar noutra sítio enquanto as minhas roupas ardem. As raparigas vão para a despensa.

Aquele vestido era o meu último bem. Agora, não há nada no mundo que eu possua; até o calor que o meu corpo produz é levado pela brisa estival.

O talhão de ervas aromáticas de Kornsó está descuidado e selvagem, rodeado por um grosseiro muro de pedra com uma das pontas ruída. A maioria das plantas secara, havia raízes estragadas pelo gelo, a apodrecer no tempo mais quente, mas há tanásia e pequenas ervas amargas que me lembro de ver na oficina de Natan em Illugastadir, e a angélica cheira bem.

Estamos a limpar as ervas daninhas, a descobrir os tufo de ervas que se arrastam pelas plantas mais saudáveis e a arrancá-los do solo. Desfruto da sensação quando as raízes cedem e sinto a resina nos meus dedos ao partir dos caules, embora me ardam os pulmões. Enfraqueci. Mas não deixo que percebam.

Existe um prazer em estar agachada, com a saia enrolada à minha

volta, e sentir nos meus cabelos o cheiro a fumo que vem do fogo de estreme. Margrét trabalha furiosamente e tem a respiração pesada. Em que pensará? Tem as unhas pretas de sujidade e esgravata a terra com urgência. Os seus olhos estão bordejados de vermelho por causa do fumo da cozinha. Quando pigarreia, escuto o matraquear do muco.

— Volta a casa e diz às minhas filhas que venham ter comigo — diz subitamente. — Depois, varre as cinzas da lareira e enterra-as.

Os homens estão a selar os cavalos no pátio quando volto, sozinha, para a casa. Estão silenciosos.

— A senhora está bem? — grita um para Margrét, que confirma com um gesto da mão suja.

A porta de casa está aberta, provavelmente para deixar sair o fumo malcheiroso. Entro.

Encontro as filhas na despensa, a desnatar o leite de ontem. A mais nova vê-me primeiro e dá uma cotovelada à irmã. Ambas recuam alguns passos.

— A vossa mãe quer que vão ter com ela. — Faço um ligeiro aceno de cabeça e desvio-me para que possam passar por mim. A mais nova desliza imediatamente para fora da divisão, e os seus olhos nunca abandonam os meus.

A rapariga mais velha hesita. Qual é o diminutivo dela? Steina. *Stone. Pedra.* Deita-me um olhar peculiar e, lentamente, pousa a bate-deira.

— Parece-me que te conheço — diz-me.

Não respondo.

— Já foste criada aqui neste vale, não foste?

Confirmo com a cabeça.

— Eu conheço-te. Quero dizer, já nos encontrámos. Tu partias de Gudrúnarstadir quando nós mudámos para lá e ficámos com o arrendamento. Encontrámo-nos na estrada.

Quando teria sido? Maio de 1818. Que idade teria ela na altura? Não mais de dez anos, decerto.

— Levávamos um cão. Branco e castanho. Lembro-me de ti porque ele começou a ladrar e a saltar, e o Pabbi afastou-o de ti, e depois partilhámos o nosso jantar.

A rapariga examina-me inquisidoramente.

— Eras tu a mulher que encontrámos no caminho para Gudrúnars-

tadir. Lembras-te de mim? Entrançaste o cabelo da minha irmã e deste um ovo a cada uma.

Duas rapariguinhas a chupar ovos à beira da estrada, com as bainhas dos vestidos enlameadas. A imagem pouco nítida de um cão magro a perseguir o seu reflexo na água e o céu cinzento e vasto. Três corvos a voar em fila. Um bom presságio.

— Steina!

O caminho de Gudrúnarstadir para Gilsstadir numa primavera gelada. 1819. Uma centena de baleias bebés deu à costa perto de Thingeyrar. Um mau presságio.

— Steina!

— Vou já, Mamma. — Steina vira-se para mim. — Tenho razão, não tenho? Eras tu.

Dou um passo na direção dela.

A dona da casa entra.

— Steina! — Olha para mim, depois para a filha. — Fora. — Pega no braço da rapariga e arrasta-a para fora da despensa. — Vai tratar das cinzas, já.

Lá fora, o vento arranca do balde um punhado das cinzas do meu vestido e agita-as de encontro ao azul do céu. Os flocos cinzentos flutuam e tombam, e dissolvem-se no ar. Será felicidade, este calor no meu peito? Como a mão de outra pessoa aí pousada?

Talvez aqui possa fingir que sou o meu velho eu.